

**UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES JEQUITINHONHA E
MUCURI**

Departamento de Ciências Biológicas

ADRIANA ASSUMPÇÃO SANTOS

**PRÁTICAS DA FORMAÇÃO DOCENTE EM EDUCAÇÃO EM
CIÊNCIAS: ANÁLISE DAS DISCUSSÕES SOBRE IST NO ENSINO
FUNDAMENTAL ATRAVÉS DE UMA RODA DE CONVERSA**

Diamantina

2022

Adriana Assumpção Santos

**PRÁTICAS DA FORMAÇÃO DOCENTE EM EDUCAÇÃO EM
CIÊNCIAS: ANÁLISE DAS DISCUSSÕES SOBRE IST NO ENSINO
FUNDAMENTAL ATRAVÉS DE UMA RODA DE CONVERSA**

Trabalho de conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Licenciatura em Ciências
Biológicas da Universidade Federal dos Vales
do Jequitinhonha e Mucuri, como requisito
parcial para obtenção do título de Licenciado
em Ciências Biológicas.

Orientador: Prof. Dr. Geraldo Wellington
Rocha Fernandes

Diamantina

2022

RESUMO

Este estudo é referente ao Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. Essa pesquisa trata de um ensaio empírico sobre o estudo de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) no 8º ano do ensino fundamental, baseado na investigação crítica da experiência trazida pelas rodas de conversas com adolescentes de uma escola da rede estadual da Cidade de Diamantina/MG. O objetivo geral deste trabalho foi analisar a importância das Rodas de Conversa para abordar o tema IST em contexto educativo. Os objetivos específicos deste trabalho foram: 1) Compreender como uma Roda de Conversa contribui para a educação sexual dos educandos no ensino fundamental; 2) Identificar como uma Roda de Conversa auxilia na integração entre os educadores e educandos; e 3) Analisar como os alunos podem ser protagonistas do seu próprio conhecimento sobre a sua saúde sexual. O caminho metodológico adotado nesta pesquisa consistiu numa pesquisa exploratória-descritiva, de natureza qualitativa, uma vez que enfatizou a estratégia ativa da Roda de Conversa, desenvolvida em uma Escola da Rede Pública Estadual, no município de Diamantina-MG. Os dados foram analisados utilizando da Análise de Conteúdo, por meio de categorias pré-estabelecidas, devidamente organizadas, após a pré-análise e unitarização. Foram analisadas duas categorias: 1) Percepções dos alunos sobre IST e 2) O papel de uma Roda de conversa sobre as IST. Desta forma, a pesquisa conclui que a Roda de Conversa é uma importante ferramenta de ensino e que auxilia a construção do conhecimento de modo autônomo e que apontam para necessidade de as escolas abordarem o tema da sexualidade com maior profundidade, mediante a organização dos espaços de diálogo.

Palavras-chave: Infecções sexualmente transmissíveis. Ensino de Ciências. Roda de Conversa.

ABSTRACT

This study refers to the Course Completion Work (TCC) of the Degree in Biological Sciences at the Federal University of Vales do Jequitinhonha e Mucuri. This research deals with an empirical essay on the study of Sexually Transmitted Infections (STIs) in the 8th year of elementary school, based on the critical investigation of the experience brought about by the conversations with adolescents from a state school in the city of Diamantina/MG. The general objective of this work was to analyze the importance of Conversation Circles that addressed the sensitive topic related to Sexually Transmitted Infections (STIs). The specific objectives of this work were: to seek to theoretically understand the importance of the conversation wheel in the sexual education of students in elementary school, as well as to identify whether the Conversation Wheel has really provided moments of integration between educators and students and, finally, to analyze how students can be protagonists of their own knowledge about their sexual health. As for the methodological path adopted in this research, we remember in advance that it approaches the aspects of a descriptive case study of a qualitative nature when it emphasizes the investigation of the pedagogical practice Roda de Conversa, developed in a State Public School. In the context of the Conversation Circle, in order to carry out the content analysis, based on contributions that addressed the theme, the pre-established categories were considered, duly organized after the pre-analysis and unitarization on the perceptions about what STIs are and the main IST. Its theoretical support is by authors such as Figueirêdo and Queiroz (2012); Melo and Cruz (2014), Fernandes *et al.*, (2021), among others. In this way, the research concludes that the Roda de Conversa is an important tool in the construction of knowledge in an autonomous way and that they point to the need for schools to address the issue of sexuality in greater depth, through the organization of spaces for dialogue.

Keywords: Sexually transmitted infections. Science teaching. Conversation Wheel.

TABELAS E FIGURAS

TABELA 01: Categorias e subcategorias analisadas a partir da AC de Bardin (2006) 29

TABELA 02: Categorias e subcategorias analisadas a partir da AC de Bardin (2006).39

FIGURAS

Figura 01. Esquema para organização de perguntas e orientações para planejar e desenvolver a Roda de Conversas32

Figura 02. Estabelecimento das fundamentações para o desenvolvimento do tema IST: Quem se liga, não vacila33

Figura 03. O processo para adquirir os conceitos do termo IST.....33

Figura 04. Caixa de perguntas relacionadas a IST34

Figura 05. Conversão do conhecimento em significado - O Beijo transmite IST?.....35

Figura 06. Quatro grupos de doenças transmitidas pela saliva.....36

Figura 07. Uso de preservativo masculino e feminino.....36

Figura 08. Uso de preservativo.....37

Figura 09. IST – assim não pega.....37

Figura 10. Roda de conversa na produção do conhecimento.....40

FIGURA 11 – Roda de conversa – espaço de empoderamento.....41

Figura 12. Roda de conversa – comunhão de ideias e desconstrução de dúvidas e mitos.....41

Figura 13. Roda de conversa como interação social voltada para a aprendizagem dos conteúdos.....42

Figura 14. Pergunta sobre doenças sexualmente transmissíveis.....43

Figura 15. Pergunta sobre como é transmitida a Aids?.....44

Figura 16. Perguntas sobre como pegar IST Beijando na Boca.....45

Figura 17. Pergunta sobre quais as doenças que podem ser contraídas em uma relação sexual.....46

Figura 18. Pergunta sobre quais são as piores doenças transmitida pelo sexo?.....46

Figura 19. Alunos fazendo anotações.....47

Sumário

CAPÍTULO 1. INTRODUÇÃO: O QUE PRETENDEMOS COM ESTE TRABALHO?	7
CAPÍTULO 2. FUNDAMENTANDO A PESQUISA: CAMINHOS PARA ABORDAR AS IST POR MEIO DE UMA RODA DE CONVERSA.....	10
2.1 O ensino das IST na Educação Básica.....	10
2.2 Rodas de conversas: algumas visões	14
2.2.1 Roda de conversa como construções cotidianas entre sujeitos reflexivos.....	15
2.2.2 Roda de conversa como pesquisa em ensino.....	17
2.2.3 Roda de conversa como estratégia de ensino de Ciências.....	19
CAPÍTULO 3. METODOLOGIA DA PESQUISA.....	23
3.1 Caracterização da pesquisa.....	23
3.2 Cenário e Sujeitos da Pesquisa	24
3.3 Instrumentos de Coleta de Dados da metodologia	25
3.4 Instrumentos ou Metodologia de Análise de Dados.....	27
CAPÍTULO 4. METODOLOGIA DE ENSINO: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA AS IST NO ENSINO FUNDAMENTAL	31
4.1 Os passos de uma Roda de Conversa	31
4.2 Estratégia ativa: os passos de uma Roda de Conversa para o ensino/reflexão de IST	32
CAPÍTULO 5. RESULTADOS E DISCUSSÃO	38
5.1. Percepções dos alunos sobre IST.....	39
5.2 O papel de uma Roda de conversa sobre as IST.....	42
CAPÍTULO 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	51
ANEXO I	56

CAPÍTULO 1. INTRODUÇÃO: O QUE PRETENDEMOS COM ESTE TRABALHO?

O que viabilizou esta pesquisa foi o interesse em compreender e refletir um pouco mais sobre a superveniência de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) na adolescência, uma vez que a sua incidência tem causado preocupações de ordem pública.

De acordo com Rodrigues (2010, p. 01) a “adolescência (10 a 19 anos - OMS) é a fase do desenvolvimento humano que marca a transição entre a infância e a idade adulta”. Para este mesmo autor, a transição “caracteriza-se por alterações a nível físico, psíquico e social” (RODRIGUES, 2010, p. 01). Na realidade, a adolescência é o momento de os jovens terem mudanças hormonais, de indiferenças de comportamentos e da transição da infância com o amadurecimento psicológico agregado em conjunto com a formação da personalidade, visando assegurar a reafirmação como adulto.

É justamente na fase da adolescência que se observa maior contágio de IST, pois no trabalho de Rodrigues (2010) é possível perceber que as IST infectam 25% dos jovens com menos de 25 anos; 65% dos casos de Síndrome de Imunodeficiência Adquirida (SIDA) surgem entre os 20 e 39 anos e representam situações de contágio de Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) durante a adolescência (período assintomático da doença – 10/15 anos).

O presente estudo caracteriza a aprendizagem e reflexões adquiridas no decorrer do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, a partir da inserção de diferentes conteúdos, habilidades e competências na prática de temas contemporâneos sobre o ensino em saúde. As experiências adquiridas durante todo o curso de graduação acabaram por estimular a inovar o processo de ensino e aprendizagem ao trabalhar com informações relacionadas com a dinâmica e funcionamento do corpo e os aspectos das doenças, bem como a compreensão da importância dos hábitos de higiene, para que a comunidade escolar (alunos, professores, pais etc.) desenvolvam comportamentos de vida mais saudável.

Mas para tanto, partimos do pressuposto de que todos os indivíduos são ativos, críticos, pensantes e interativos e, neste caso, os professores necessitam estar atentos a realidade de cada um.

Atualmente a função do educador é fazer com que os alunos sejam criativos e tenham a oportunidade de tornarem-se autônomos do seu conhecimento de forma que possam exercer a cidadania de valores morais.

Diante desse pressuposto, é que apresentamos, como meio colaborativo de reflexão e conhecimento sobre educação e saúde, a Roda de Conversa que, segundo Fernandes *et al.* (2021, p. 209), é “uma construção própria de cada grupo. [...] Constitui-se em um momento de diálogo, por excelência, em que ocorre a interação entre os participantes do grupo, sob a organização do coordenador”. Nesse sentido, compreendemos que se trata de uma metodologia ou trabalho que pode ser utilizada no ensino de Ciências (FERNANDES *et al.*, 2021).

Têm-se, também como plano de fundo deste trabalho reflexivo, algumas inquietações surgidas através do contato com a disciplina “BIO108 - Tendências da Pesquisa em Ensino em Ciências”, durante o curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM, em que houve a oportunidade de realizar uma Roda de Conversa com alunos do 8º ano da rede pública estadual de ensino, o que instigou a realizar esse trabalho de conclusão de curso.

Neste sentido, este trabalho propõe as seguintes questões de investigação:

- Qual a importância de uma Roda de Conversa no ensino em Ciências?
- Como as Rodas de Conversas podem ser utilizadas como estratégias de ensino para oportunizar a reflexão coletiva mediante o diálogo?

Para dar conta de responder tais questões, o trabalho desenvolvido tem como objetivo geral: *identificar limites, possibilidades e reflexões sobre o ensino de Ciências e de saúde, através de uma Roda de Conversa, considerando para isso, o compartilhamento de experiências sobre IST nos anos finais do ensino fundamental.*

Neste sentido, com o intuito de alcançar o objetivo geral, este trabalho propõe os seguintes objetivos específicos:

- 1) Compreender como uma Roda de Conversa contribui para a educação sexual dos educandos no ensino fundamental;
- 2) Identificar como uma Roda de Conversa auxilia na integração entre os educadores e educandos;
- 3) Analisar como os alunos podem ser protagonistas do seu próprio conhecimento sobre a sua saúde sexual.

Para responder à questão de pesquisa e alcançar os objetivos propostos, buscamos promover uma Roda de Conversa de modo que os alunos sentissem mais à vontade ao abordar sobre o assunto, e com isso, oportunizamos uma compreensão ampliada sobre as IST e o uso correto de preservativos.

Deste modo, buscando estruturar o trabalho, dividiremos o mesmo em cinco partes. O Capítulo 2 desenvolve uma discussão teórica/conceitual, que legitima e reafirma a importância da roda de conversa, defendendo a liberdade dos integrantes. Conforme o Dicionário online Priberam (2008, sp.), o termo liberdade significa o “Direito de um indivíduo proceder conforme lhe pareça, desde que esse direito não vá contra o direito de outrem e esteja dentro dos limites da lei¹”, portanto, sendo condição indispensável da roda de conversa.

O Capítulo 3, a metodologia da pesquisa, desenvolve e evidencia a aposta nas rodas como uma ferramenta dialógica, a partir da experiência realizada com estudantes do 8º ano do ensino fundamental de Escola Estadual Joaquim Felício dos Santos, escola pública no município de Diamantina, e durante o trabalho de campo, foram observados que os alunos apresentavam um perfil socioeconômico bem diversificado.

O Capítulo 4 aborda os parâmetros de instrumentalização metodológica das rodas de conversa, desenvolvidas nesta experiência, destacando obstáculos e sucessos vivenciados.

Os Capítulos 5 e 6 propõem os resultados evidenciados com reflexões e considerações críticas da temática da sexualidade e das IST na adolescência.

Assim, essa narrativa da experiência se baseia no reconhecimento da construção de uma prática educativa reflexiva que possibilite a reorganização de conceitos, bem como uma posição ativa do educando.

¹ <https://dicionario.priberam.org/liberdade> [consultado em 03-10-2022].

CAPÍTULO 2. FUNDAMENTANDO A PESQUISA: CAMINHOS PARA ABORDAR AS IST POR MEIO DE UMA RODA DE CONVERSA

2.1 O ensino das IST na Educação Básica

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), número 9.394/96, artigo 32, inciso III, define que o ensino fundamental deve estimular o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores. De acordo com a norma legal, este nível de ensino terá por objetivo a formação básica do cidadão a compreender o ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade.

A lei também atribui ao ensino fundamental à missão de colaborar com o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social.

A LDBEN concentra todos os esforços na humanização do ensino em quaisquer dos seus níveis, particularmente no que diz respeito a educação em saúde (CASTRO, *et al.* 2016). Neste sentido, salientamos que o ensino, principalmente o de Ciências, na Educação Fundamental, garantirá a apresentação de temas transversais nos seus currículos.

Logo após a LDBEN, em 1998 foi apresentado os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental, que apresentava os Temas Transversais (TCTs): Meio Ambiente; Trabalho e Consumo; Pluralidade Cultural; Saúde; Ética e Orientação Sexual. Apesar de os Temas Transversais não serem uma proposta pedagógica nova, com a homologação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) nas etapas da Educação Infantil e do Ensino Fundamental, em dezembro de 2017, e na etapa do Ensino Médio, em dezembro de 2018, eles ampliaram seus alcances e foram, efetivamente, assegurados na concepção dos novos currículos como Temas Contemporâneos Transversais (TCTs), sendo: Meio Ambiente; Ciência e Tecnologia; Multiculturalismo; Cidadania e Civismo; Economia e Saúde. Chamamos atenção que o tema “Orientação Sexual” de 1998 deixa de ser citado na base de 2017. É na construção dessa reflexão, que os TCTs buscam realizar a contextualização do que é ensinado, trazendo temas que sejam de interesse dos estudantes e de relevância para seu desenvolvimento como cidadão (BRASIL, 2019, p. 07).

A grande finalidade é que o educando não conclua sua educação no sistema de ensino tendo assimilado apenas conteúdos subjetivos e descontextualizados, mas que também assimile e compreenda sobre os temas que são relevantes para sua atuação na sociedade (BRASIL, 2019). Assim, espera-se que os TCTs possibilitem ao educando compreender com maior êxito:

[...] como utilizar seu dinheiro, como cuidar de sua saúde, como usar as novas tecnologias digitais, como cuidar do planeta em que vive, como entender e respeitar aqueles que são diferentes e quais são seus direitos e deveres, assuntos que conferem aos TCTs o atributo da contemporaneidade (BRASIL, 2019, p. 07).

Devemos lembrar que os TCTs destacam seis macro áreas temáticas “que afetam a vida humana em escala local, regional e global” (BRASIL, 2017, p. 19). E autores como Silva, Brancaloni e Oliveira (2019, p. 1539) explicam que “a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) inclui temas como gênero e sexualidade em área de ensino religioso”.

Conjuntamente, pesquisadores como Leão e Ribeiro (2012 *apud* SILVA; BRANCALEONI; OLIVEIRA, 2019) e Vianna (2012 *apud* SILVA; BRANCALEONI; OLIVEIRA, 2019) entendem que:

a educação sexual é evidenciada como tema transversal, ou seja, como tema que atravessa todas as áreas do conhecimento e cuja abordagem deve ocorrer pelos professores dos diferentes componentes curriculares e em todos os níveis de ensino (SILVA; BRANCALEONI; OLIVEIRA, 2019, p. 1542).

Da mesma forma, Busquets *et al.* (2000 *apud* Almeida, 2006, p. 04), compreende que “uma das formas de contribuir para o processo de transformação da sociedade sem abrir mão dos conteúdos convencionais é por meio da inclusão dos Temas Transversais na estrutura curricular da escola”.

Nessa mesma lógica Silva, Brancaloni e Oliveira (2019, p. 1542) ressaltam ainda

que o caráter transversal preconizado pelos PCN pode contribuir para a manutenção do trabalho da educação sexual no âmbito das disciplinas de Ciências (Ensino Fundamental) e Biologia (Ensino Médio), pois a transversalidade expressa pelo documento se apresenta de forma tênue, permitindo a docentes que atuam em áreas distintas das Ciências da Natureza alegarem que seus componentes curriculares não oportunizam a abordagem de assuntos relativos à diversidade sexual e de gênero (SILVA; BRANCALEONI; OLIVEIRA, 2019, p. 1542).

Assim, que o tema transversal “Educação Sexual”, no âmbito escolar tem sido um grande desafio determinado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), visto que:

as orientações, presentes nas Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais (DCNs) e nos demais normativos da Educação Básica, apontam para a obrigatoriedade de as escolas trabalharem juntamente com conteúdos científicos e das áreas de conhecimentos específicas, os Temas Contemporâneos de maneira interdisciplinar e transdisciplinarmente, fazendo associações e conduzam à reflexão sobre questões da vida cidadã. Portanto, observa-se a valorização e relevância da abordagem de assuntos de cunho social (BRASIL, 2013 *apud* BRASIL, 2019, p. 10).

A incorporação desses novos temas visa a atender às novas demandas sociais, uma vez que as IST, por serem mais prevalentes entre jovens de 14 a 29 anos e os adolescentes, tendem a estar presentes em populações altamente exposta a agente etiológico destas doenças, muitas vezes portando-as de forma assintomática (ALMEIDA, 2006).

Entre as doenças de maior relevância médica estão “a gonorreia, a sífilis, a tricomoníase, o cancroide, o herpes genital, as verrugas genitais, as infecções por clamídia, pelo vírus da hepatite B e pelo vírus da imunodeficiência humana, o HIV” (CASTRO *et al.*, p. 1976).

E cabe ainda compreendermos essa lógica da relevância, uma vez que, os PCN foram criados e proclamados em um contexto histórico e social no qual nosso país enfrentava uma epidemia de HIV/AIDS e era testemunhado também o aumento do índice de gravidez entre as adolescentes (SILVA; BRANCALEONI; OLIVEIRA, 2019).

Segundo Silva, Brancaleoni e Oliveira (2019), este cenário remete à percepção da escola enquanto instituição social que possibilita e exterioriza informações que levariam os indivíduos a práticas de sexo seguro, perspectiva semelhante àquela concebida no momento em que o país confrontava a epidemia de sífilis na década de 1920 (ABREU; SANTOS, 2015 *apud* SILVA; BRANCALEONI; OLIVEIRA, 2019).

Ainda por este ângulo, Silva, Brancaleoni e Oliveira (2019) lembram que

ao contrastarmos os blocos temáticos presentes nos PCN Tema Transversal Orientação Sexual (a saber, “Corpo e Matriz para a Sexualidade”, “Relações de Gênero” e “Prevenção às DST e Aids”) com o contexto citado, verificamos forte ênfase no trinômio corpo-saúde-doença, remetendo-nos à perspectiva biológica e médica sobre a sexualidade (LEÃO; RIBEIRO, 2012; VIANNA, 2012 *apud* SILVA; BRANCALEONI; OLIVEIRA, 2019, p. 1542).

E considerando este tema numa perspectiva curricular, Palma *et al.* (2015, p. 737 *apud* SILVA; BRANCALEONI; OLIVEIRA, 2019, p. 1543) entendem que

“emergem dos PCN no que se refere à diversidade sexual e de gênero, com ênfase em processos de silenciamento do conceito gênero”.

Além disso, segundo os autores ainda

(...) pode ser entendida como uma estratégia de ação, que ao invés de provocar um enfrentamento que poderá ser coibido por setores conservadores da sociedade, apresenta uma proposta que tangencia a temática, ainda considerada polêmica, para que possa servir como um início de possibilidade de transformação social (PALMA *et al.*, 2015, p. 737 *apud* SILVA; BRANCALEONI; OLIVEIRA, 2019, p. 1543).

Portanto, as compreensões expressas pelos autores sugerem que as controvérsias apontadas pela literatura resultam de “concessões” no plano da educação sexual que visariam incidentes e progressivos avanços quanto ao debate sobre diversidade sexual e de gênero no espaço escolar. (SILVA; BRANCALEONI; OLIVEIRA, 2019).

Face ao exposto e ao considerarmos as referências da temática sexualidade na BNCC, de modo explícito e/ou implícito, observamos que as IST se convergem na seção reservada às Ciências da Natureza, justamente no componente curricular Ciências, e são ausentes nas demais áreas do conhecimento (SILVA; BRANCALEONI; OLIVEIRA, 2019). Ainda seguindo o raciocínio de Silva, Brancaleoni e Oliveira (2019), tais autores explicam que, além de posicionar a sexualidade dentre as competências das Ciências da Natureza para o ensino fundamental, o documento oficial a concatena a conceitos associados à saúde e à qualidade de vida, como podemos observar no excerto abaixo.

Nos anos finais, são abordados também temas relacionados à reprodução e à sexualidade humana, assuntos de grande interesse e relevância social nessa faixa etária, assim como são relevantes, também, o conhecimento das condições de saúde, saneamento básico, da qualidade do ar e das condições nutricionais da população brasileira. Pretende-se que os estudantes, ao terminarem o Ensino Fundamental, estejam aptos a compreender a organização e o funcionamento de seu corpo, assim como interpretar as modificações físicas e emocionais que acompanham a adolescência e a reconhecer o impacto que elas podem ter na autoestima e na segurança do seu próprio corpo. É também fundamental que tenham condições de assumir o protagonismo na escolha de posicionamentos que representem autocuidado com seu corpo e respeito com o corpo do outro, na perspectiva do cuidado integral à saúde física, mental, sexual e reprodutiva. Além disso, os estudantes devem ser capazes de compreender o papel do Estado e das políticas públicas (campanhas de vacinação, programas de atendimento à saúde da família e da comunidade, investimento em pesquisa, campanhas de esclarecimento sobre doenças e vetores, entre outros) no desenvolvimento de condições propícias à saúde (BRASIL, 2017, p. 325 *apud* SILVA; BRANCALEONI; OLIVEIRA, 2019, p. 1546).

Cabe destacar que, além desta determinação curricular, a abordagem da sexualidade é circunscrita ao contexto do oitavo ano do Ensino Fundamental, figurando ao lado de conteúdos concernentes a mecanismos reprodutivos, puberdade, gravidez e infecções sexualmente transmissíveis (SILVA; BRANCALEONI; OLIVEIRA, 2019).

2.2 Rodas de conversas: algumas visões

Méllo *et al.* (2007 *apud* FERNANDES *et al.* 2021, p. 210) destacam que as Rodas de Conversa valorizam os debates em relação ao tema, que pode ser de ensino – operando, nesse caso, como ferramenta ou atividade cognitiva – ou ser delimitado em conformidade com os fins investigativos.

Autores, como Fernandes *et al.* (2021, p. 211), afirmam que a Roda de Conversa...

baseiam-se no método dialógico, no qual os indivíduos podem expor suas produções, mesmo divergentes, uma vez que cada sujeito estimula o outro a se articular, fazendo com que as pessoas se posicionem e aprendam a se atentar para o posicionamento alheio. Por conseguinte, coincidentemente, quando as pessoas contam suas histórias, elas procuram entendê-las através da prática de ponderar de maneira compartilhada, o que permite atribuir relevância aos acontecimentos.

Dessa forma, os participantes desenvolvem suas capacidades cognitivas sobre si e acerca da rotina cotidiana entre os indivíduos, favorecendo uma conciliação dos saberes, concebendo aos atores uma conduta cooperativa no enfrentamento às questões e aos desafios propostos em discussão durante a realização da Roda de Conversas (FERNANDES *et al.*, 2021).

Sampaio *et al.* (2014, p. 1300) entende, com base na visão freiriana, que:

(...) a roda de conversa, do ponto de vista da complexidade, dá liga a questões aparentemente separadas, afim de que partes e todo sejam captados como facetas de um mesmo objeto, que em si mesmo é complexo e contraditório, duro e utópico: os condicionantes sociais e a realidade a ser (re) construída.

Conforme lembra Silva e Hernández (2020), a Roda de Conversa é visto como instrumento essencial para a prática dialógica, devido à ampla possibilidade oferecida ao desenvolvimento do discurso entre os seus participantes.

2.2.1 Roda de conversa como construções cotidianas entre sujeitos reflexivos

Segundo Afonso e Abade (2008, *apud*, FARIAS; BARBOSA 2016), as "Rodas de Conversa" constituem uma estratégia de cunho participativo que pode ser empregado em diversas circunstâncias, em diversos âmbitos como: “escolas, unidades de saúde, associações comunitárias e outros, constituindo um trabalho de reflexão onde o conteúdo é estruturado a partir das questões do grupo e conforme o grupo consiga processá-lo” (FARIAS; BARBOSA, 2016, p. 02).

Fernandes *et al.*, 2021 diferencia “metodologia” de “estratégia” de ensino, e que segundo Araújo (2015, p. 04 *apud* FERNANDES *et al.*, 2021, p. 12), a metodologia de ensino tem como atribuição:

(...) a articulação e a efetivação das seguintes dimensões: relações entre professores e alunos, o ensino-aprendizagem, objetivos de ensino, finalidades educativas, conteúdos cognitivos, métodos e técnicas de ensino, tecnologias educativas, avaliação, faixa etária do educando, nível de escolaridade, conhecimentos que o aluno possui, sua realidade sociocultural, projeto político-pedagógico da escola, sua pertença a grupos e classes sociais, além de outras dimensões societárias em que se sustenta uma dada sociedade.

Assim, Fernandes *et al.* (2021, p. 211) compreende que as Rodas de Conversa “não são metodologias, mas estratégias que possibilitam a reflexão coletiva e a reformulação e elaboração de argumentos e conceitos pelo diálogo e pela prática de ouvir o outro, podendo ser em pares ou consigo mesmo”.

Observe que as "Rodas de Conversa", são estratégias indicadas nos processos de leitura e intervenção comunitária, compreende a técnica de participação coletiva de debates acerca de um determinado tema, através da criação de esferas de diálogo, nos quais os indivíduos podem se expor e, sobretudo, ouvir os outros e a si mesmos (FARIAS; BARBOSA, 2016). Tem como escopo instigar a criação da autonomia dos sujeitos por meio da inserção de dúvidas, da coletivização de conhecimentos e da reflexão voltada para a ação (FARIAS; BARBOSA, 2016). Envolve, portanto, um somatório seja através “de trocas de experiências, conversas, discussão e divulgação de conhecimentos entre os envolvidos nesta metodologia” (FARIAS; BARBOSA, 2016, p. 02).

Para Severo e Dimenstein (2011 *apud* FARIAS; BARBOSA, 2016), as "Rodas de Conversa" são utilizadas como técnicas participativas e buscam impactar e mobilizar os envolvidos a refletirem acerca de sua relação com o ambiente que está inserido e com seu projeto de vida, entre outros.

No mesmo sentido, Moura e Lima (2014 *apud*, FARIAS; BARBOSA, 2016) trazem que as "Rodas de Conversa" consistem em uma técnica de participação coletiva de argumentações acerca de referido tema em que é possível debater com os sujeitos, que se expressam, escutam seus pares e a si mesmos pela ação reflexiva. Busca, entre outros propósitos, socializar conhecimento, instigar a transferência de experiências, de diálogos, de difusão de conhecimento entre os participantes, na expectativa de construção e reconstrução de novas experiências sobre o tema proposto.

Farias e Barbosa (2016) descrevem em seu trabalho o ganho de conhecimento mediante a realização de "Rodas de Conversa" junto a comunidades de turismo na região litorânea de Pernambuco, onde se buscou procurar reconhecer a o ponto de vista dos participantes e seus estilos de vida de modo abrangente. A partir da vivência de cada um, buscou-se a conscientização de líderes dos grupos locais em torno dos temas que faziam parte do cotidiano de Porto de Galinhas e do processo completo de produção desde a criação a venda de um produto ou bem de consumo do turismo, ou seja, pessoas que também faziam o turismo desenvolver no local, como, por exemplo, jangadeiros, pescadores, artesãos, condutores, além de jornalistas e representantes do poder público local (FARIAS; BARBOSA, 2016).

Farias e Barbosa (2016 *apud* LIMA; SANTOS; SANTIAGO, 2014) também empregaram as "Rodas de Conversa" com estudantes de um curso de extensão em Administração, com o escopo de colaborar para a construção do plano individual de carreiras e o desenvolvimento de competências fundamentais a futuros gestores, surtindo bons resultados.

Ao explicarem a vivência de trabalho realizado num hospital público federal, localizado em Vitória/ES, Barros *et al.* (2006 *apud* FARIAS; BARBOSA, 2016) destacam o emprego da técnica "Rodas de Conversa" com funcionários do Pronto-Socorro e a realização de assistências a trabalhadores do hospital. A abertura de espaços de reflexão constituiu importante ferramenta que oportunizou debates sobre o dia a dia no hospital, trazendo para a observação coletiva a organização do trabalho naquele ambiente hospitalar.

Outra experiência bem-sucedida e reconhecida é a utilização das "Rodas de Conversa" em um Serviço de Atenção Primária de Saúde, localizado em uma cidade do interior do Rio Grande do Sul, onde foi elaborado um programa, denominado "HIPERDIA", que oportunizou a abertura de áreas para assistir as pessoas portadoras de hipertensão arterial e diabetes, destacando-se a importância dos cuidados de saúde em

grupo (FARIAS; BARBOSA, 2016). No referido trabalho, verificou-se que a troca de conhecimento entre os envolvidos, por meio das "Rodas de Conversa", possibilitou a formação de conhecimento que contribuiu beneficemente para a melhoria da saúde e qualidade de vida entre os envolvidos (MARTINS, 2012 *apud* FARIAS; BARBOSA, 2016).

Estudo de Dias, Neri e Ferraz (2014 *apud*, FARIAS; BARBOSA, 2016) demonstrou que a utilização da “Roda de Conversa Dirigida” para adequação de funcionários e redução de ausência de trabalhadores terceirizados na recepção de um Hospital Público paulista, possibilitou aos gestores do hospital reconhecer a importância e efetividade da aplicação do modelo de abordagem participativo, observando-se que a implantação de uma nova metodologia de trabalho teria ocasionado importante benefício nos serviços prestados pelos setores avaliados.

Também Kleina e Falavinha, (2014 *apud* FARIAS; BARBOSA, 2016) apresentaram as vivências verificadas nas “Rodas de Conversa”, realizada em um Hospital Universitário da cidade de Curitiba, como ferramenta de gestão que abriu caminho para escuta, diálogo e reflexões, possibilitando a elaboração de novas possibilidades a partir da vivência dos profissionais, onde a questão de associações entre categorias, serviços e instituições interferia e determinava os entraves e possíveis soluções na qualidade do serviço. O uso da técnica resultou no incremento de fluxos e processos, desenvolvimentos de recursos, corresponsabilidade, estimulam nas equipes e consolidação da gestão, concluindo que a técnica de gestão sustentada pelas “Rodas de Conversa” oportunizou soluções concretas para as demandas técnicas, a partir da restauração do relacionamento entre os vários indivíduos envolvidos no processo, o que contribuiu beneficemente para o atendimento prestado pelos profissionais da Instituição (FARIAS; BARBOSA, 2016).

2.2.2 Roda de conversa como pesquisa em ensino

Moura e Lima (2014) explicam que a roda de conversa é, no campo da pesquisa narrativa, um modo de organizar informações em que o pesquisador se insere como sujeito da pesquisa pela participação na conversa e, simultaneamente, produz informações para discussão. É, na realidade, uma ferramenta que possibilita o compartilhamento de experiências e o desenvolvimento de pensamentos sobre as

práticas educativas dos sujeitos, em um processo permeado pela interação com os pares, através da ação comunicativa (MOURA; LIMA, 2014).

A roda de conversa como instrumento de coleta de dados para a pesquisa em ensino não foi selecionada ao acaso. Também possibilitou viabilizar à nossa pesquisa a natureza científica, o que implica particularizá-la como transversal descritivo e determinar sua legitimidade na busca do conhecimento científico (MOURA; LIMA, 2014). Essa escolha foi efetivada quando nos propusemos a pesquisar o tema central deste estudo, posto que esse tipo de pesquisa “[...] é um meio para explorar e para entender o significado que os indivíduos ou os grupos atribuem a um problema social ou humano” (CRESWELL, 2010, p. 26 *apud* MOURA; LIMA, 2014, p. 99).

Nesse entendimento, é que adotamos a corrente narrativa, a partir de uma roda de conversa, como ferramenta de ensino para elaborar nossa pesquisa. A narrativa é uma metodologia de pesquisa que possibilita a reintrodução “da seta do tempo” (COUTO, 2009, p. 131 *apud* MOURA; LIMA, 2014), indicando espaços e delimitando acontecimentos, em que os sujeitos definem lugares e suas ações, porque é assim que a história se faz e se conta (MOURA; LIMA, 2014).

Assim considerada, a dimensão temporal,

diferente de guardar sua linearidade, como é habitual, nas considerações que envolvem tempo decorrido, não se mostra unilinear, antes se converte e se presentifica no passado que emerge da realidade (na concepção, no símbolo, inclusive, no próprio tempo) (MOURA; LIMA, 2014, p. 99).

Esses aspectos potencializam a contribuição da narrativa:

Precisamos de narrativas que contribuam para a compreensão amplificada do que é e do que pode ser a realidade social na qual estamos vivendo, escamoteada e tornada invisível a ‘olho nu’ pelas normas e regulamentos da cientificidade moderna, da hierarquia que esta estabelece entre teoria e prática e dos textos produzidos segundo tais ditames (OLIVEIRA; GERALDI, 2010, p. 23 *apud* MOURA; LIMA, 2014, p. 99).

Trabalhar com narrativas revela-se como um estudo em que o pesquisador procura habilitar o olhar para compreender os conjuntos que emergem do discurso dos sujeitos, no nosso caso, os alunos tentam assimilar um grande volume de informações. Pelo pensamento crítico, contextualizado e identificado através dos diversos vieses que o discurso apresenta, através da expectativa do pesquisador (MOURA; LIMA, 2014).

Para Moura e Lima (2014, p 100) o sujeito

é sempre um narrador em potencial e o fato é que ele não narra sozinho, reproduz vozes, discursos e memórias de outras pessoas, que se associam à sua no processo de rememoração e de socialização, e o discurso narrativo, no caso da roda de conversa, é uma construção coletiva.

No ambiente em que são gerados os dados, o observador deve compreender que as memórias culturais e individuais estão intrinsecamente associadas (MOURA; LIMA, 2014).

E como referem autores como Santamarina e Marinas (1995, p. 273 *apud* MOURA; LIMA, 2014 p. 100),

[...] recolher os relatos ou as histórias de vida não é recolher objetos ou condutas diferentes, mas, sim, participar da elaboração de uma memória que quer transmitir-se a partir da demanda de um investigador. Por isto a História de Vida não é só uma transmissão, mas uma construção da qual participa o próprio investigador [...].

Abrahão Moura e Lima (2004, *apud* MOURA; LIMA, 2014), descrevem que as narrativas, são demarcadas pelo tom pessoal, harmonizado pelo exercício da memória, pela verificação de sentidos e pela estrutura da própria memória, que possibilitam articular presente, passado e futuro. Feitas essas ponderações, chegou o momento de explicar o material e o método da pesquisa, bem como o resultado e discussão. Então, inferimos que a roda de conversa é uma metodologia de produção de informações que pode produzir relatos com férteis informações, por isso atendeu à demanda de nossa pesquisa.

2.2.3 Roda de conversa como estratégia de ensino de Ciências

Este tópico se detém a analisar exatamente as Rodas de Conversa de forma a otimizar o processo de ensino-aprendizagem na sala de aula, visto que essas atividades vão em direção oposta do ensino tradicional, podendo ser, portanto, aplicadas no ensino de Ciências (FERNANDES *et al.*, 2021).

Autores como Fernandes *et al.* (2021) também nos apresenta o conceito de “Círculo de Cultura”, termo de origem freireana que existe uma relação direta com as “Rodas de Conversa”. Segundo Loureiro e Franco (2012, p. 23 *apud* FERNANDES *et al.*, 2021, p. 210),

uma das características do Círculo de Cultura é a importância atribuída à reflexão contextualizada dos conteúdos sociais da educação no conjunto das estratégias de análise da realidade. A reflexão contextualizada pressupõe o confronto de ideias (visões de mundo) dos educandos e do educador em que este assume papel fundamental no momento da problematização.

Fernandes *et al.* (2021) realmente constatarem que o aprimoramento de um Círculo de Cultura também pode ser construído por uma Roda de Conversa, e que perpassa a definição: atividade, estratégica ou técnica.

Assim, uma Roda de Conversa e/ou um Círculo de Cultura coadunam, incorporando diferentes atores, proporcionando etapas em que se têm escutas e falas (FERNANDES *et al.*, 2021). O conceito para o Círculo de Cultura, mais do que uma Roda de Conversa, assemelham o que muitos pesquisadores chamam de *Metodologia da Participação*, por oportunizar a atividade criativa, a participação dos sujeitos sociais, colaborando com o processo comunicativo, a gestão das ideias, o registro e a documentação dos resultados da argumentação, negociação e planejamento (FERREIRA *et al.*, 2021).

Além disso, autores como Melo e Cruz (2014, *apud* FERNANDES, 2021, p. 211) fazem referência às Rodas de Conversas como:

um método (ou metodologia) para a implantação de “locais de diálogo” entre educadores e educandos. Eles salientam que as Rodas de Conversa, como metodologia, geram espaços de partilha, fazendo com que os indivíduos da comunidade escolar oportunizem momentos de diálogo e interação entre os mesmos. Dessa forma, os sujeitos amplificam suas concepções sobre si e acerca da rotina escolar dos demais indivíduos, favorecendo uma combinação dos saberes, concebendo aos integrantes uma conduta cooperativa no enfrentamento às questões e aos desafios existentes na escola.

No mesmo caminho, Afonso e Abade (2008, *apud* FERNANDES *et al.*, 2021, p. 211) destacam que “as Rodas de Conversa são desenvolvidas nas metodologias dinâmicas e participativas (também consideradas como ativas), sendo que suas referências vêm da comunicação entre os autores da psicanálise, da educação, psicologia social”. E “sua estrutura metodológica se fundamenta e/ou embasa nas oficinas de interposição psicossocial, objetivando a criação de um ambiente no qual seus integrantes ponderem a respeito da sua rotina” (AFONSO; ABADE, 2008 *apud* FERNANDES *et al.*, 2021, p. 211).

E para a realização deste trabalho, utilizaremos o termo “rodas de conversas” como sendo um processo político libertador, que oportuniza a emancipação humana, política e social de coletivos historicamente esquecidos (SAMPAIO *et al.*, 2014). Ele perfilha-se à pedagogia crítica do educador Paulo Freire, tendo como escopo principal contribuir com justificativa epistemológica, investigativa e metodológica das rodas de conversa, possibilitando sua melhor didática e operacionalização.

Além disso, pesquisadores como Fernandes *et al.*, (2021); Melo e Cruz (2014) citam que às Rodas de Conversas são na realidade uma ferramenta (ou estratégias) para a inserção de “locais de diálogo” entre professores e alunos. Eles destacam que as Rodas de Conversa, como ferramenta de aprendizagem, geram espaços de repartição, fazendo com que os agentes da comunidade escolar possibilitem momentos comunicativos e interação entre os mesmos (FERNANDES *et al.*, 2021).

Detemo-nos, justamente, à descrição das rodas realizadas, destacando os autores que colaboraram para a reflexão dessa metodologia participativa, aos quais citamos: Figueirêdo e Queiroz (2012); Melo e Cruz (2014) e, Fernandes *et al.*, (2021) que no decorrer deste trabalho de conclusão de curso fundamentaremos, para produzirmos essa pesquisa.

Quando o educador tenta trabalhar com uma atividade de Ciências que envolvem, por exemplo, as Rodas de Conversa, o mesmo deve ter em mente que essa metodologia passa a ser uma alternativa para trabalhar a percepção dos alunos em relação aos conteúdos científicos em seu meio social, uma vez que todos participantes estão à volta de um campo de debate que não tem um discente, mas um mediador comunicativo que participa de uma atividade comum em que todos se ensinam e aprendem entre si (FERNANDES *et al.*, 2021). Assim, “a maior qualidade da equipe de trabalho é a participação ativa em todos os momentos do diálogo” (BRANDÃO, 2005 *apud* FERNANDES *et al.*, 2021, p. 209).

Nesse sentido, Fernandes *et al.* (2021) vai além ao explicar que as Rodas de Conversa apresentam amplos caminhos e desafios quando aplicados no ensino de Ciências, pois:

As Rodas de Conversa ou os Círculos de Cultura, por terem um perfil dialógico, acabam oportunizando um ótimo momento para se trabalhar com a oralidade em sala de aula. Ressalta-se que os alunos devem entender que comunicar não significa apenas falar, mas também poder se expressar de distintas formas em variados contextos sociais. A troca de experiências é um dos maiores benefícios da Roda de Conversa e de um Círculo de Cultura, já que é um momento de conversas, discussões e apoios. Os discentes discutem entre si sobre o conteúdo e constroem juntos a resolução de problemas. (FERNANDES *et al.*, 2021, p. 213)

Vale destacar que, na Roda de Conversa, os estudantes devem ter autonomia e serem responsáveis pela própria aprendizagem, assim como em outras metodologias ativas que podem ser utilizadas em conjunto com as Rodas de Conversa (FERNANDES *et al.*, 2021). E vários pesquisadores em seus estudos, afirmam eficiência, sua importância no âmbito escolar, dizendo que a partir da ação comunicativa e da interação

dos sujeitos, é que se estabelecem as mais variadas concepções e compreensões cognitivas.

CAPÍTULO 3. METODOLOGIA DA PESQUISA

O caminho metodológico adotado se aproxima dos aspectos de um estudo de caso descritivo de natureza qualitativa quando enfatiza a investigação da prática pedagógica Roda de Conversa, desenvolvida em uma Escola da rede Pública Estadual.

Para Demo (2001, p. 19), metodologia "é uma preocupação instrumental. Trata das formas de se fazer ciência. Cuida dos procedimentos, das ferramentas e dos caminhos". Assim, "a metodologia relaciona-se com os objetivos e a finalidade da pesquisa" (DEMO, 2001, p. 19).

Na verdade, a metodologia da pesquisa relaciona-se a uma fase essencial na elaboração de uma pesquisa científica, tendo em vista a importância de reconhecimento das técnicas que serão utilizadas para alcançar as respostas ao problema objeto de investigação e observação (CALIXTO, 2009).

Por outro lado, não podemos olvidar que a pesquisa descritiva descreve particularidades de uma população ou acontecimento, além de determinar relações entre variáveis (CALIXTO, 2009). Com certo grau de complexidade maior do que a pesquisa exploratória, a pesquisa descritiva possibilita a identificação, análise e comparação de dados, porém sem a ação do pesquisador (CALIXTO, 2009).

Portanto, a presente pesquisa trata-se de um estudo qualitativo e exploratório-descritivo. A análise de conteúdo, com base em contribuições que abordaram as Rodas de Conversa, complementou a referida pesquisa.

3.1 Caracterização da pesquisa

Em seu trabalho, Martins (2004, p. 289) explica que "a pesquisa qualitativa é definida como aquela que privilegia a análise de microprocessos, através do estudo das ações sociais individuais e grupais, realizando um exame intensivo dos dados, e caracterizado pela heterodoxia no momento da análise". Destaca-se ainda a necessidade da atividade da intuição e da imaginação do pesquisador, num tipo de trabalho delicado, visto não só como condição para o aprofundamento da observação, mas também, o que é muito importante, para a liberdade intelectual (MARTINS, 2004).

Obviamente é claro que Martins (2004) entende que o pesquisador deve realizar uma observação minuciosa dos fatos e dados, tanto em amplitude quanto em profundidade, uma vez que os métodos qualitativos tratam as unidades sociais observadas como totalidades que avivam o pesquisador.

Neste caso, a inquietação essencial do pesquisador é a estreita aproximação dos dados, de fazê-lo apresentar da forma mais objetiva possível, à realidade social para melhor examiná-la e compreendê-la (MARTINS, 2004).

Além disso, há uma particularidade que constitui atributo intrínseco aos métodos qualitativos devido a sua flexibilidade, principalmente quanto às técnicas de coleta de dados, inserindo aquelas mais pertinentes à observação que está sendo efetivada.

Ainda Martins (2004, p. 291) explica que há uma “outra característica importante da metodologia qualitativa que consiste na heterodoxia no momento da análise dos dados”. Pois para o citado autor, afirma que “a variedade de material obtido qualitativamente exige do pesquisador uma capacidade integrativa e analítica que, por sua vez, depende do desenvolvimento de uma capacidade criadora e intuitiva” (MARTINS, 2004, p. 292).

Assim, a experiência de elaborar uma roda de conversas decorreu no ano letivo de 2022, entretanto, já éramos habituados a participar de rodas de conversas nas disciplinas do curso de ciências biológicas da UFVJM e, isso acabou por beneficiar na relação de escuta, compreensão e confiança. A Roda sempre esteve presente na nossa rotina como discentes de graduação para pontuar temas relacionados aos especificados assuntos.

3.2 Cenário e Sujeitos da Pesquisa

Esta pesquisa abrange os momentos de intersecção (na disciplina “Tendências da Pesquisa em Ensino em Ciências”) e através de uma Roda de Conversa realizada entre os estudantes de uma Escola da Rede Estadual na cidade de Diamantina/MG, ocorrido na própria escola. Os sujeitos foram: 48 adolescentes de 13 a 15 anos de ambos os sexos de duas (duas) turmas sendo do 8º ano do Ensino Fundamental.

O encontro se deu no dia 04 de agosto de 2022 e, foram observados pela pesquisadora e, seguidamente, transcritos no relatório de atividade, o qual se compôs como banco de dados para a construção da pesquisa. Nesse período, a Roda de Conversa se consolidou como espaço de trocas de conhecimento, vivências e informações pedagógicas relacionadas às Infecções Sexualmente transmissíveis.

Este trabalho que se segue faz parte de um conjunto de ações para fortalecer e compreender a educação básica, amparados pelo Comitê de Ética e Pesquisa dentro de um projeto maior denominado “Análise das ações de intervenção em Ciências Naturais nas escolas vinculadas à Superintendência Regional e Secretaria Municipal de Ensino de Diamantina”, com o número CAAE 03347318.4.0000.5108.

3.3 Instrumentos de coleta de dados da pesquisa

A Roda de Conversa também é uma forma de coleta de dados em que o pesquisador se insere como sujeito da pesquisa pela participação na conversa e, ao mesmo tempo, produz dados para discussão (MOURA; SILVA, 2014). É, na realidade, um instrumento que possibilita a distribuição de experiências e o desenvolvimento de pensamentos sobre as ações educativas dos sujeitos, em um processo mediado pela interação com os pares, mediante debates internos, e, ainda, no silêncio observador e introspectivo (MOURA; SILVA, 2014).

A escolha da Roda de Conversa, como instrumento de pesquisa baseado no método dialógico de modo compartilhado, ao acaso, sem antes nos depararmos com a necessidade de propiciar à nossa pesquisa um toque de cientificidade, o que implica caracterizá-la de natureza qualitativa e determinar sua posição enquanto abordagem legítima da busca do conhecimento científico (MOURA; SILVA, 2014).

Além da roda de conversas, foram utilizados como instrumento de coletas de dados as fotografias, gravações e filmagens mediante autorização, que agregaram importantes fontes concretas de dados, na medida em que, como discente de graduação e organizadora da roda de conversa, certos fatos ocorridos com os estudantes durante a roda de conversa deveriam ter tido mais atenção no momento da ação, mas, com um olhar crítico sobre as fotografias e das perguntas elaboradas pelos alunos, era possível compreender as inquietações dos alunos em sobre: educação, saúde, educação sexual.

Resta afirmar que os registros reflexivos sobre Rodas de Conversas passadas servem como fundamentação para a estruturação de novas escolhas, utilizando a Roda como ferramentas pedagógicas (BRANDÃO, 2021).

De acordo com Pereira e Lopes (2016, p. 195):

é preciso entender e refletir sobre a sociedade em que o jovem está inserido e na qual ele experimenta, circula e compartilha afetos. Também é preciso reconhecer que ele organiza essas trocas segundo uma coerência que persegue os sentidos estabelecidos nessa e por essa sociedade. Independentemente da discussão em torno do que seja(m) a(as) juventude(s),

é importante compreendê-la(s) como um grupo social que possui especificidades e que é influenciada pelo meio e modo histórico/social em que se desenvolve, pela qualidade das trocas que proporciona.

E segundo Pereira e Lopes (2016, p. 194) “os jovens sentem a vida marcada por crescentes inconstâncias, flutuações, descontinuidades e reversibilidade”.

Para as citadas autoras,

seriam sintomas ou sinais dessa perspectiva a incerteza na vida cotidiana, a insegurança na cidade, a fragilidade dos laços afetivos e do trabalho, o desprendimento das redes de pertencimento social, a substituição do que é constante, a diversidade de escolhas, o excesso de informações, as disformes relações familiares e amorosas e a desestruturação do emprego (PEREIRA; LOPES, 2016, p. 194).

Eis a importância da roda de conversas como ensaio reflexivo a partir das experiências cotidianas através de uma discussão teórica/conceitual, que fundamenta a roda de conversa, mas todo o processo de investigação das informações foi constituído de forma contínua e reflexiva por meio de análise de conteúdo (SILVA; FOSSÁ, 2013 *apud* BRANDÃO, 2021). Tal predileção possibilitou a observação comportamental e procedimentos associados ao contexto enunciativo, bem como inferir sobre determinadas situações, o que nos possibilitou refletir possíveis ações e respostas para as perguntas que guiaram o trabalho de conclusão: É possível a utilização da roda de conversa como ferramenta reflexiva na construção de novas possibilidades?

As formações em Roda podem contribuir para a valorização do contexto sócio-histórico-cultural e psicológico dos sujeitos?

Para essas perguntas adiantamos a resposta que detalharemos nos próximos Capítulos e Tópicos deste trabalho, porém adiantamos que sim, pois as Rodas de Conversas relacionam a produção de conhecimento coletivo e contribui com a transformação social.

Somando-se a isso, é importante destacar que a investigação de fatos, comportamentos e pressupostos é extremamente valorizada nas pesquisas qualitativas (MELO *et al.*, 2016). Na observação participante, o observador coleta os dados por meio de sua participação na vida habitual do grupo ou organização que pesquisa, trazendo múltiplas vantagens, como identificar comportamentos não intencionais e possibilitar o registro dos fatos em um contexto temporal-espacial (MELO *et al.*, 2016). O benefício dessa técnica reside no fato de ser possível observar uma variedade de situações ou fenômenos que não são verificados somente por meio de perguntas, uma

vez que, verificados diretamente na própria realidade, transmitem o que há de mais inestimável e evasivo da vida real (MELO *et al.*, 2016).

Ao final da Roda de Conversa, fizemos os registros das impressões através da interpretação crítica e transcrevemos tudo o que foi falado, um trabalho minucioso, mas fundamental, para a organização dos eixos das análises das categorias identificadas sendo elas: as percepções dos alunos sobre IST e o papel de uma Roda de Conversa sobre as IST.

E justamente de acordo com Figueirêdo e Queiroz (2012), as rodas de conversa privilegiam debates em torno de um assunto (escolhido de acordo com os objetivos da pesquisa) e, na ação comunicativa, as pessoas podem apresentar suas concepções, mesmo divergente, sendo que cada indivíduo estimula o outro a participar, sendo possível opinar e ouvir a opinião do outro (FIGUEIRÊDO; QUEIROZ, 2012). Destarte, ao mesmo tempo em que os indivíduos abordam seus contextos, buscam compreendê-los por meio da autorreflexão de modo compartilhado, o qual possibilita a significação dos acontecimentos (FIGUEIRÊDO; QUEIROZ, 2012).

3.4 Instrumentos ou Metodologia de Análise de Dados

Para analisar os dados provenientes da “roda de conversa” utilizamos da Análise de Conteúdo (AC) como metodologia de análise das informações obtidas.

Para compreensão desta metodologia de análise de dados, Bardin (2016, p. 43 *apud* SAMPAIO; LYCARIÃO, 2021, p. 15) explicam que “a técnica consiste em classificar diferentes elementos nas diversas ‘gavetas’ segundo critérios susceptíveis de fazer surgir um sentido dentro de uma ‘confusão’ inicial”.

Entre vários outros conceitos existentes e disponíveis, certamente um a ser evidenciado neste trabalho é proposto por Kimberly Neuendorf (2002), que busca não apenas esclarecer a Análise de Conteúdo (AC), mas também limitá-la a certa noção (SAMPALIO; LYCARIÃO, 2021).

Para as autoras, a AC necessita seguir seis preceitos principais, a saber:

- 1) ser baseada no método científico; 2) possuir uma unidade de análise ou unidade de coleção ou ambos; 3) ser quantitativa; 4) ser condensadora do conteúdo sendo verificado; 5) ser aplicável a todos os contextos; e 6) ter todas as características das mensagens disponíveis de forma que seu conteúdo possa ser analisado (NEUENDORF, 2002 *apud* SAMPAIO; LYCARIÃO, 2021, p. 15).

Tendo isso em vista, Neuendorf, (2002 *apud* SAMPAIO; LYCARIÃO, 2021) definem a técnica da seguinte maneira:

Análise de conteúdo é uma análise quantitativa condensadora que se baseia no método científico (incluindo atenção a objetividade-intersubjetividade, design anterior, confiabilidade, validade, generalização, replicabilidade e teste de hipóteses) que não é limitada para os tipos de variáveis que podem ser medidas ou a contexto no qual as mensagens são criadas ou apresentadas (NEUENDORF, 2002, p. 10 *apud* SAMPAIO; LYCARIÃO, 2021, p. 115)

Para isso, foram adotados as “Três Fases de Análise do Conteúdo” proposto por Bardin (2016) e que consiste em:

1) A **pré-análise**: foi a fase em que se organizaram todo o material a ser analisado com o escopo de torná-lo operacional, sistematizando as ideias iniciais. Tratou-se de: a) Preparação do material com as falas que evidenciassem as percepções, ideias, sensações etc. sobre as IST e as formas de contágios.

2) **Unitarização**: consistiu na exploração do material com a definição de categorias e a identificação das Unidades de Registro (UR) e Unidades de Contexto (UC) nos documentos. A UR é o menor recorte de ordem semântica que se liberta do texto, podendo ser uma palavra-chave, um tema, objetivos, personagens etc.

Além disso, a UR de nossa pesquisa foi a resposta dos participantes, realizada mediante uma pergunta que o aluno tivesse dúvida sobre a IST. Neste sentido, cabe destacar que a UC são expressões mais elaboradas com o objetivo de fazer compreender a UR, tal qual a frase para a palavra. Para elaboração da “roda de conversa” a UC foi baseada em qual dúvida sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), as suas falas, as ideias e reflexões apresentadas.

3) **Categorização, Interpretação e Descrição**: consistiu no tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Foi a etapa destinada ao tratamento dos resultados em forma de categorias e subcategorias. Ocorre que nesta fase a condensação e o destaque das informações para análise, culminaram nas interpretações inferenciais; ou seja, foram o momento da intuição, da análise reflexiva e crítica (BARDIN, 2016). Para a elaboração deste trabalho foram consideradas as categorias pré-estabelecidas devidamente organizadas após a pré-análise e unitarização e estão caracterizadas conforme a Tabela 1 que merecem ser apresentados e analisados.

Tabela 01: Categorias e subcategorias analisadas a partir da AC de Bardin (2016)

Eixos de Análise.	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
Caixa de perguntas	Percepções dos alunos sobre IST.	• Percepções sobre o que é IST • Percepções das principais IST • Conhecimento sobre a forma de transmissão das IST
Roda de Conversa	O papel de uma Roda de conversa sobre as IST.	• Troca de informações • Apresentação preservativo feminino e masculino.

Fonte: elaborado pela autora (2022).

Na primeira etapa houve a separação dos conteúdos (inventário) e em seguida organização das mensagens (classificação) planejando fornecer um agrupamento que simbolizasse de forma simplificada os dados brutos acerca da percepção dos alunos sobre a IST. O conceito das categorias respeitou os princípios definidos por Bardin (2016, *apud* SILVA; HERNÁNDEZ, 2020) que classifica como ótimas as categorias que possuem atributos como exclusão simultânea, que define cada conteúdo não seja encontrado em mais de uma divisão, não sendo possível a classificação em mais de uma categoria; a uniformidade, que consiste no sentido de que as categorias devem ser constituídas seguindo um único preceito orientando a organização numa única perspectiva de análise e que diferentes níveis de reflexões requerem outras análises consecutivas; adequação, que indicam uma concepção de conformidade ótima, refletindo os objetivos da pesquisa; a produtividade como atributo que coaduna produtividade e resultados elevados; e objetividade e finalidade como fundamentos que não possibilitam desvirtuamentos à subjetividade dos codificadores e à deformações da análise (SILVA; HERNÁNDEZ, 2020).

Além disso, a possibilidade de discutir as categorias da Tabela 1 descritas, por meio da roda de conversa, acaba por inserir no círculo o diálogo que fundamenta este TCC e, possibilita comprovar as ações provocadas na elaboração dos processos educativos no âmbito da pesquisa (ADAMY *et al.*, 2018). Na realidade, a roda potencializa a reflexão, colocando momentaneamente a subjetividade dos sujeitos e a capacidade de compreensão e interpretação do pesquisador de forma coletiva (ADAMY *et al.*, 2018).

Diga-se de passagem, que para além de aflorar a subjetividade dos sujeitos, a roda oportuniza a discussão dos temas de grande importância para os estudantes mediante a construção do conhecimento coletivo.

E, para a elaboração das categorias de antemão destacamos que foi um trabalho aprimorado que requereu uso de conhecimento sensível, porém, mais observador da decomposição das perguntas e respostas (transcrições dos diálogos) que reconstruísse uma realidade implícita (SILVA; HERNÁNDEZ, 2020). Para tanto as categorias se formaram a partir de uma ordem semântica, divididas em categorias temáticas na tentativa de demonstrar a realidade oferecida a partir da Roda de Conversa, procurando observar o que havia em comum em cada componente classificado, justificando o seu agrupamento (SILVA; HERNÁNDEZ, 2020).

Durante a sistematização da categorização, cabe ao pesquisador como constituição da parte metodológica, a autoavaliação, indispensável para a busca do coesão, realidade e imparcialidade na análise dos resultados (SILVA; HERNÁNDEZ, 2020).

Bardin (2016, *apud* SILVA; HERNÁNDEZ, 2020) cita, inclusive, que a utilização da AC deve oscilar entre o rigor técnico da objetividade, cientificidade e a amplitude da subjetividade, buscando demonstrar se o pesquisador está realmente ciente dos conteúdos explícito e passível de ser certificado, assim como o desenvolvimento dessa interpretação, com a demonstração de ideias que não estavam tão obviamente explícitos.

CAPÍTULO 4. METODOLOGIA DE ENSINO: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA AS IST NO ENSINO FUNDAMENTAL

Para auxiliar o desenvolvimento teórico-metodológico, foi encadeada uma proposta pedagógica, baseada na estratégia ativa de Fernandes *et al.* (2021), a Roda de Conversa, sendo pensada como processo para produção e ressignificação das narrativas dos educandos sobre seus conhecimentos relacionado a IST, reconhecendo a competência inerente da fala livre e da escuta sensível no aprender-ensinar, coparticipado, livre e independente (SAMPAIO *et al.*, 2014).

4.1 Os passos de uma Roda de Conversa

Fernandes *et al.* (2021) apresenta uma sugestão de como desenvolver uma Roda de Conversa nas aulas de Ciências. Segundo os autores, é necessário que o professor organize um espaço adequado em que todos estejam confortáveis e possam se ver, assim como também escolher assuntos que possam ser desenvolvidos pela turma e trazer dados que possam auxiliar a compreensão dos conteúdos científicos.

Para a Roda de Conversa, o Quadro 1 de Fernandes *et al.* (2021) apresenta cinco passos que podem ser seguidos:

Quadro 1. Passos para desenvolver uma Roda de Conversa.

- | |
|---|
| <p>1) Organização: primeiramente deve-se colocar as cadeiras em roda. Também é importante separar os textos de apoio e demais materiais (vídeos, fotos etc.) que irá usar no dia da Roda de Conversa. Sugere-se que o professor selecione materiais inspiradores e temas bem relevantes que queira trabalhar com seus alunos do ponto de vista de situações conflituosas ou uma temática socioambiental que precisa ser inserida no cotidiano das aulas, a crise hídrica, por exemplo, assunto de notícias recentes ou da semana passada.</p> <p>2) Inspiração (média de 5 minutos): com os alunos reunidos em roda, o professor inicia apresentando o tema e utilizando algo simples e inspirador, como um texto, um vídeo ou uma foto da situação que será trabalhada. Para a roda funcionar bem, se houver tumulto com muita gente falando ao mesmo tempo, combine um gesto para que todos prestem atenção no que está acontecendo! E assim todos param para ouvir o que o colega tem a dizer.</p> <p>3) Reflexão (média de 20 minutos): inicie com uma pergunta aos participantes, que tenha a ver com o conteúdo usado na etapa de inspiração e o seu desejo em aprofundar o tema. Como professor moderador, aqueça as discussões, unindo as ideias com neutralidade e sem tomar partido. Em outras ocasiões, o professor pode sortear alguém que está na roda para fazer esse papel e assim estimulará a participação. Deixe a conversa seguir até o tempo determinado para a atividade.</p> <p>4) Sistematização (média de 10 minutos): nesta etapa, o professor pode utilizar de diferentes estratégias para sistematizar o que foi debatido na Roda de Conversa: elaboração de cartazes, reflexões individuais, elaboração de desenhos, dramatizações etc. É importante que seja sistematizado as principais ideias e mensagens que eles vivenciaram. Se houver tempo, abra um espaço para comentários gerais e, depois, complemente com as suas impressões e articule os conteúdos, fazendo</p> |
|---|

uma conclusão do trabalho realizado pelos participantes da roda.

5) Avaliação (média 5 minutos): avaliar o processo de aprendizagem na roda é tão importante quanto vivenciá-lo. Isso irá ajudar o professor a perceber como foi a experiência e os avanços ligados ao tema trabalhado, quais são as ações práticas que serão tomadas com base na discussão, se ainda restam dúvidas e se alguém deseja aprofundar determinado ponto. Convide os estudantes para contar como foi a experiência desta roda, como eles se sentiram. Se desejar aprofundar, o professor pode solicitar uma avaliação por escrito posteriormente. Ao final, reconheça o esforço deles e de todos! Com isso, pode planejar os temas dos encontros seguintes.

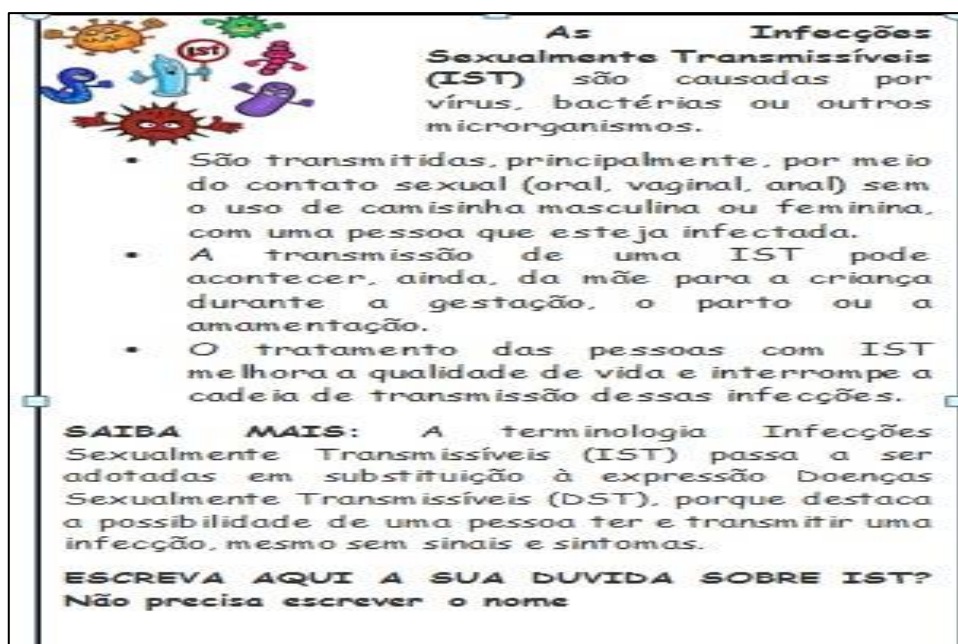
Fonte: adaptado de Vieira (2015) *apud* Fernandes *et al.* (2021, p. 214).

Vale ressaltar que na Roda de Conversa, os alunos devem ter autonomia e serem protagonistas da aprendizagem, assim como em outras estratégias metodologias ativas que podem ser trabalhadas em conjunto (FERNANDES, *et al.* 2021).

4.2 Estratégia ativa: os passos de uma Roda de Conversa para o ensino/reflexão de IST

Para o passo 1, **Organização da Roda de Conversa** (Quadro 1), inicialmente foi acordado com as professoras regentes de cada turma no dia 03 de agosto de 2022 como ela seria organizada. Logo após este planejamento inicial, os alunos foram orientados como seria a roda de conversa e receberam um encarte, com informações da IST, para que suscitasse dúvidas (Figura 01).

Figura 01. Esquema para organização de perguntas e orientações para planejar e desenvolver a Roda de Conversas.



Fonte: elaborado pela autora.

No dia subsequente, exatamente no dia 04 de agosto de 2022, no período da manhã compreendido das 10:30 às 11:20, foram realizados os passos: **2) Inspiração** e **3) Reflexão** para a roda de conversa conforme Quadro 1.

Seguindo esse entendimento, cabe destacar que para introdução do tema foi elaborado uma apresentação em PowerPoint com 23 laudas (Figuras 02 e 03), que também estão no Anexo I.

Figura 02. Estabelecimento das fundamentações para o desenvolvimento do tema IST: Quem se liga, não vacila.



Fonte: arquivo da autora.

Figura 03. O processo para adquirir os conceitos do termo IST

O que é IST

As IST são causadas por

- **bactérias, vírus**
- **outros microrganismos,**
- **podendo ser curáveis ou não curáveis e apresentar períodos sintomáticos ou permanecer assintomáticas ao longo da vida**

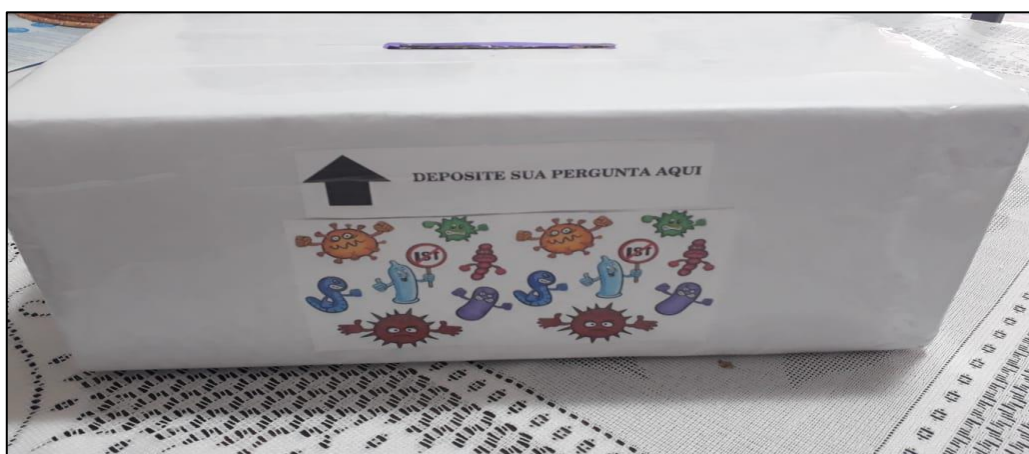
(Ministério da Saúde)

Fonte: arquivo da autora.

Participaram dessa ação, o total de 47 alunos, sendo dos 8º anos do Ensino Fundamental, de ambos os sexos, de modo que o encontro foi registrado através de fotografias e filmagens. Assim sendo, foi verificado que “a roda de conversa”, era o momento de trocar informações com duração de cinquenta minutos.

Para os passos **4) Sistematização** e **5) Avaliação**, foi elaborada uma caixa de perguntas, para desenvolver a temática educação sexual, com diversos temas relacionados as Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), buscando, assim, informações de coleta de dados que possibilitassem a compreensão do entendimento e das curiosidades dos alunos. Nesse sentido, desenvolvemos a estratégia da Roda de Conversa, articulada com a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2018), acompanhada de uma caixa de pergunta (Figura 04).

Figura 04. Caixa de perguntas relacionadas a IST



Fonte: Caixa de perguntas - arquivo da autora.

A discussão seria montada em torno das escolhas realizadas pelos próprios estudantes, a partir das temáticas apresentadas por eles, estando mais centralizada nos termos das palavras que se encontravam dentro da caixa (Figura 04), apesar disso, vez por outra, chamava atenção para algumas dúvidas que originavam das palavras postas na própria roda. Em um dado momento da roda, os membros do grupo voltaram sua atenção para a parede e passaram a contextualizar as explicações através de *slides* explicativos organizado pela proponente. Iniciaram-se depoimentos, relatos sobre caracterizações e situações que lhes deixavam inquietos com certa frequência.

É importante atentar-se, ainda, para a qualidade e atenção que se deve ter na organização das perguntas dentro da Roda de Conversa ou no desenvolvimento da atividade no ensino de Ciências. A Figura 01 foi a nossa proposição de orientação, a

partir de um informativo que auxiliou os alunos e o professor a planejar e a desenvolver o tema relacionado a IST, de modo significativo para todos os envolvidos.

Assim, a utilização da caixa de perguntas (Figura 04) foi fundamental nesse processo, juntamente com a professora regente da turma, que nos auxiliou no planejamento das dinâmicas para a realização da roda de conversa, assim como nos assistiu na mediação das discussões, durante o desenvolvimento da roda.

Na visão de Sampaio *et al.* (2014, p. 1303), a aposta nas rodas de conversas:

(...) sustentou-se na possibilidade de favorecer a fala, às adolescentes, sobre assuntos social e moralmente “proibidos-desviantes”, permitindo questionamentos, reflexões e, muitas vezes, a desconstrução de dúvidas e mitos, a partir da comunhão de medos e anseios, no encontro entre as adolescentes, as estudantes do grupo de pesquisa e os profissionais da comunidade, envolvidos no projeto.

A partir de então, com as explicações realizadas através dos *slides*, confirmamos a importância do tema para os estudantes que logo após, escreveram suas dúvidas e lançaram na caixa de perguntas, pois deste modo era possível fazer o controle da situação durante a roda de conversa.

E para responder à pergunta dos alunos sobre a possibilidade da transmissão de doenças através do beijo foram apresentados os seguintes slides que possibilitasse a construção do conhecimento (Figuras 05 e 06).

Figura 05. Conversão do conhecimento em significado - O Beijo transmite IST?



Fonte: arquivo da autora.

Figura 06. Quatro grupos de doenças transmitidas pela saliva.

Verdadeiro 

Existem basicamente quatro grupos de doenças que podem ser transmitidas pela saliva e pelo beijo: as infecções sexualmente transmissíveis (herpes, sífilis, gonorreia, HPV); doenças respiratórias (gripe, resfriado, influenza); doenças que causam febre; doenças do trato digestivo.

Fonte: arquivo da autora.

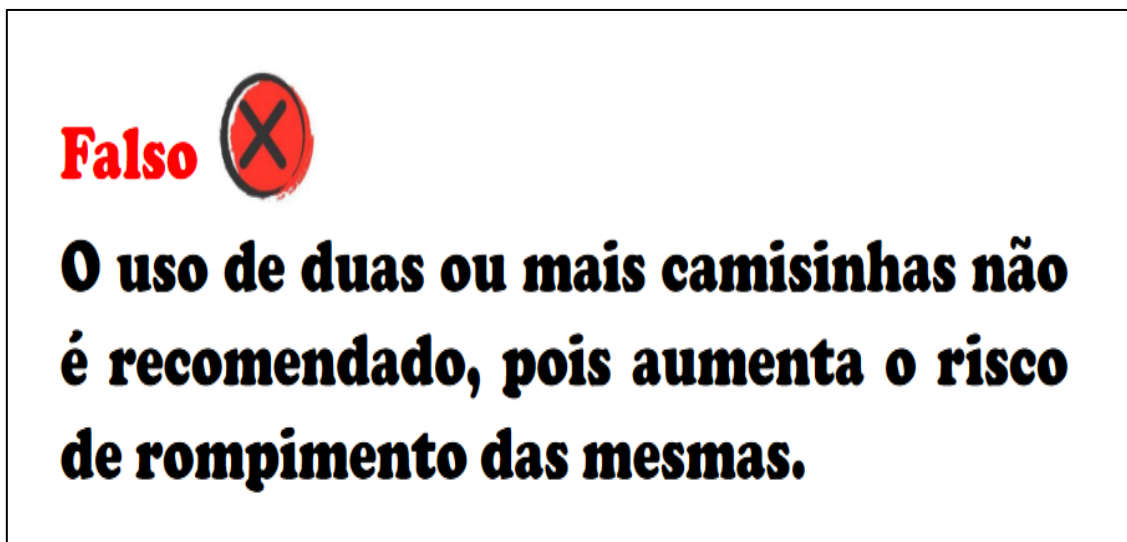
Para respondermos à pergunta dos alunos e promover a saúde buscamos explicar sobre a os modos de transmissões de doenças e o uso de preservativo como forma de prevenção conforme utilizados nos slides (Figuras 07, 08 e 09).

Figura 07. Uso de preservativo masculino e feminino

O uso de camisinha feminina e masculina ao mesmo tempo garante maior proteção?

Fonte: arquivo da autora.

Figura 08. Uso de preservativo



Fonte: arquivo da autora.

Figura 09. IST – assim não pega



Fonte: arquivo da autora.

Portanto, fica subentendido que “essa iniciativa parece relevante, pois evidencia, além da valorização do método da roda, a implicação das adolescentes na produção e ressignificação dos sentidos sobre sexualidade entre seus pares” (SAMPAIO *et al.*, 2014, p. 1307).

CAPÍTULO 5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O diálogo dos estudantes durante a Roda de Conversa desenvolveu-se entre concordâncias e discordâncias, frente aos dados exibidos e assim como surgiram novas perguntas e dúvidas que, contribuíram para a confirmação do modelo teórico. Durante o trabalho, priorizaram-se debates sobre o objetivo e os resultados da pesquisa, num método dialógico, no qual os sujeitos falaram do seu ponto de vista em relação ao modelo teórico para validá-lo (ADAMY *et al.*, 2018).

O diálogo estimula a corresponsabilização dos envolvidos no processo de ensino aprendizagem, quando se trata de tema de grande importância como é nas Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST). O diálogo é condição essencial para a cognição ao construir a práxis, a partir da comunicação entre os sujeitos e que, em razão disso, concebe a transformação individual e social (ADAMY *et al.*, 2018). Cumpre destacar que, nessa abordagem, a escuta, assim como a fala, é pressuposto para a comunicação dialógica que ocorre entre sujeitos sociais com opiniões divergentes (ADAMY *et al.*, 2018).

As perspectivas de cada sujeito são engendradas por meio da interação com o outro, seja para integralizar, discordar ou concordar com a fala, pois as conversas no âmbito da roda possibilitam a compreensão do diálogo com mais profundidade, reflexão e ponderação, no sentido de compartilhar conhecimentos (ADAMY *et al.*, 2018). Nessa construção dialógica, as rodas geram conhecimentos coletivos e contextualizados ao priorizarem a fala reflexiva e a escuta sensível (ADAMY *et al.*, 2018). Em outras palavras, valoriza-se uma situação experimental, a qual, na prática, após a escolha da situação/tema a ser debatido, cada aluno expõe o seu ponto de vista com o objetivo de contribuir com o assunto da Roda de Conversa, mas para isso, cabe ao professor analisar os dados para depois, organizar o assunto em subcategorias para facilitar a apropriação dos conceitos científicos pelo aluno.

No que se refere à análise de dados, Triviños (2006), assim como Bardin (2004), orientam a análise de conteúdo, uma vez que esse método se destina a pesquisa relacionadas as motivações, atitudes, valores, crenças, tendências e a percepção das ideologias que podem existir nos preceitos legais, princípios e normas de uma sociedade. Assim, ao analisarmos o desenvolvimento da atividade, pudemos organizar os dados em categorias e subcategorias, conforme a Tabela 02.

TABELA 02: Categorias e subcategorias analisadas a partir da AC de Bardin (2006)

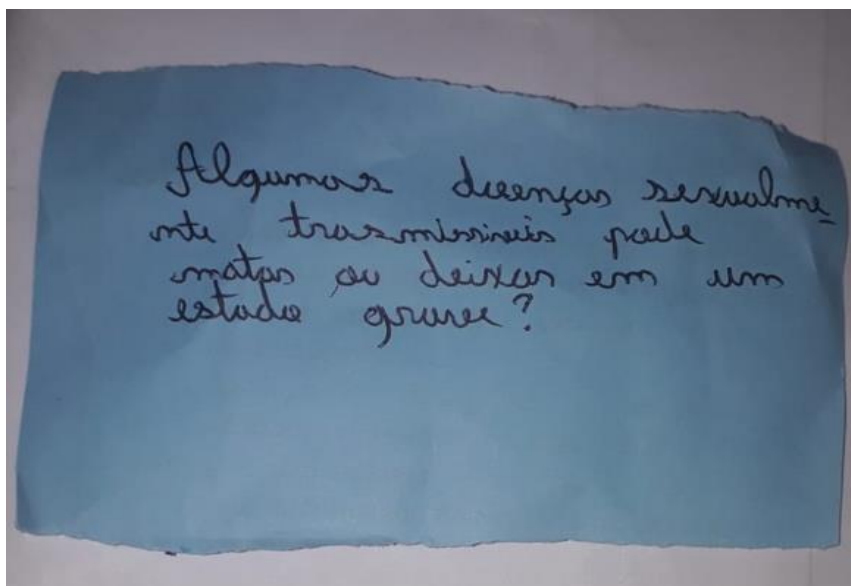
Eixos de Análise	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
Caixa de perguntas	Percepções dos alunos sobre IST.	• Percepções sobre o que é IST • Percepções das principais IST • Conhecimento sobre a forma de transmissão das IST
Roda de Conversa	O papel de uma Roda de conversa sobre as IST.	• Troca de informações • Apresentação preservativo feminino e masculino.

Nessa análise qualitativa, o que se avaliou detalhadamente é o simples fato de saber a percepção dos estudantes sobre IST e principalmente sobre os sinais e sintomas de diversas doenças infectocontagiosas que foram devidamente verificados em um determinado aspecto do conteúdo ou em um conjunto de unidades de registro nas mensagens desassociadas na totalidade do texto (SILVA; HERNÁNDEZ, 2020).

5.1. Percepções dos alunos sobre IST

Nesta primeira categoria foi possível evidenciar que o conhecimento e as percepções sobre a sexualidade são compreendidos no sentido de gênero e opção sexual, portanto manifestados pelo comportamento sexual e atitudes com o outro. Por exemplo, citamos um(a) aluno(a) que perguntou sobre: “*algumas doenças sexualmente transmissíveis que pode matar ou deixar em um estado grave?*” Conforme verificado na figura 10.

Figura 10. Pergunta sobre doenças sexualmente transmissíveis



Fonte: arquivo da autora.

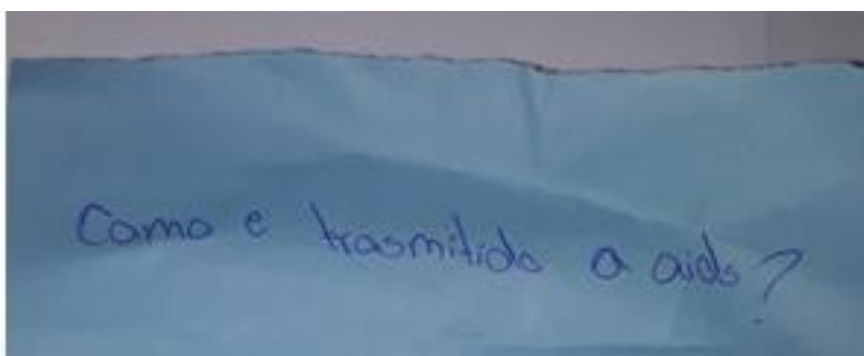
Não obstante, Fonte *et al.* (2018), realizou um trabalho semelhante, como este que está sendo apresentado, entre jovens universitários e foi evidenciado que os mesmos possuíam baixos níveis de conhecimento relacionado a IST.

Conforme Fonte *et al.* (2018), os estudantes, em geral, realmente possuem percepções sobre a importância do uso do preservativo na prevenção das IST. Porém, pesquisas têm evidenciado que existem falhas no conhecimento sobre as IST e as formas de prevenção das infecções não são tão objetivos entre os mesmos (FONTE, *et al.*, 2018).

Além disso, Fonte *et al.* (2018, n.p.) explica que em uma “pesquisa realizada no Rio de Janeiro identificou que 58,5% dos estudantes universitários da área da saúde não conhecem todas as formas de transmissão das IST, apesar de 48,5% terem afirmado que possuíam todo o conhecimento acerca das IST”.

E no que diz respeito aos alunos participantes da Roda de Conversa da Escola Estadual em que a pesquisadora propôs a Roda de Conversa foi evidenciado que também, “carecem de conhecimento sobre as IST, que não adotam condutas sexuais seguras e que possuem baixa percepção de risco em suas práticas sexuais” (FONTE *et al.*, 2018, n. p). Isso pode ser verificado quando o(a) estudante escreve que: “*como é transmitida a Aids?*” (Figura 11).

Figura 11. Pergunta sobre como é transmitida a Aids?



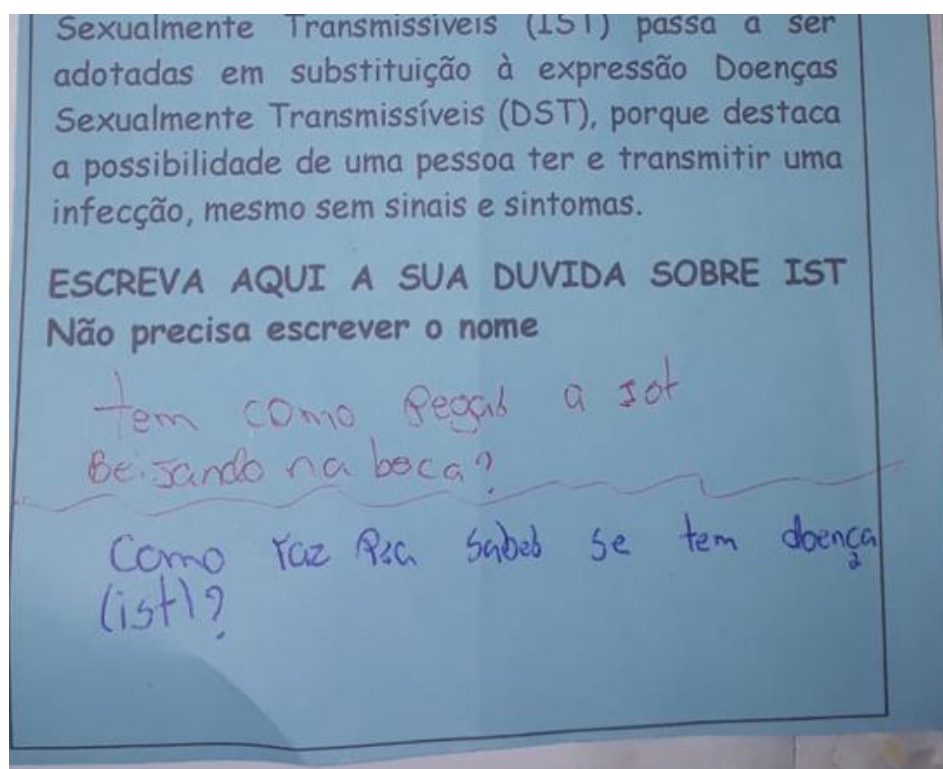
Fonte: arquivo da autora.

Assim, foi realmente verificado que os estudantes do ensino fundamental “possuem baixa percepção de risco quanto à possibilidade de ser infectado por uma IST, conforme encontrado nessa investigação e ratificado por outras pesquisas” (FONTE *et al.*, 2018, n. p).

O trabalho de Fonte *et al.* (2018), que apresentou a pesquisa entre jovens universitários, indicou resultados semelhantes com os encontrados nesta pesquisa sobre a baixa percepção de risco entre estudantes. Demais estudos também direcionam aos mesmos resultados encontrados no que refere ao ínfimo conhecimento em relação às IST.

Quanto as subcategorias (Percepções sobre o que é IST; Percepções das principais IST e Conhecimento sobre a forma de transmissão das IST) também foram verificadas que abrangem diversos eixos de sentido, dentro de uma mesma percepção conforme verificado na Figura 12 quando o(a) estudante escrevem 02 (duas) perguntas: - *Tem como pegar a IST beijando na Boca?* - *E Como faz para saber se tem doença (IST)?*

Figura 12. Perguntas sobre como pegar IST Beijando na Boca.



Fonte: arquivo da autora.

As perguntas da Figura 12 acabam ilustrando muito bem essas subcategorias, uma vez que, de imediato percebemos a presença de uma conexão entre o (des)conhecimento dos jovens acerca das IST e, algum tipo de influência em suas percepções de risco ou de agravo a saúde.

5.2 O papel de uma Roda de conversa sobre as IST

A partir dos princípios freireanos, Marinho (2009, p. 52 *apud* FERNANDES *et al.*, 2021, p. 217) destaca que, aos participantes em geral, “cabe questionar e questionar-se, aprender e ensinar, dialogar e existir na essência do aprendizado construído coletivamente”.

Para Waschauer (2002, p. 47 *apud* FERNANDES *et al.*, 2021, p. 220), a Roda de Conversa é “uma construção própria de cada grupo. [...] Constitui-se em um momento de diálogo, por excelência, em que ocorre a interação entre os participantes do grupo, sob a organização do coordenador” (por exemplo, Figura 13).

Figura 13. Roda de conversa na produção do conhecimento



Fonte: roda de conversas ao fundo a aluna da UFVJM - arquivo da autora.

Segundo Fernandes *et al.* (2021, p. 113), “a reflexão teórico-prática, que promove a efetivação da teoria na prática, com base na problematização e na investigação do objeto de estudo” vinculando o cotidiano com a prática mediante dispositivo de empoderamento (Figura 14).

Figura 14 – Roda de conversa – espaço de empoderamento



Fonte: roda de conversas ao fundo a graduanda da UFVJM - arquivo da autora.

Portanto, Fernandes *et al.* (2021) explicam que na execução e sucesso da Roda de Conversa depende necessariamente da organização de ambas as partes, seja por parte do educador, como também dos alunos.

Por outro lado, Sampaio *et al.* (2014) afirma que a utilizações das rodas de conversas fundamenta-se na possibilidade de potencializar a fala, às adolescentes, sobre assuntos social e moralmente “proibidos-desviantes”, possibilitando o levantamento da problemática, ponderações e, muitas vezes, a desconstrução de dúvidas e mitos, a partir do compartilhamento de medos e tensões, no encontro entre os estudantes do grupo de pesquisa, envolvidos no projeto (Figura 15).

Figura 15. Roda de conversa – comunhão de ideias e desconstrução de dúvidas e mitos



Fonte: roda de conversas ao fundo a aluna da UFVJM - arquivo da autora.

Segundo Araújo e Mazur (2013 *apud* FERNANDES *et al.*, 2021, p. 96), o ponto de partida “desse método é a interação social voltada para a aprendizagem dos conteúdos, que se dá ao colocar o aluno no centro do processo educativo, atuando o professor como um facilitador e orientador, para que ocorra a aprendizagem” (Figura 16).

Figura 16. Roda de conversa como interação social voltada para a aprendizagem dos conteúdos



Fonte: roda de conversas ao fundo a aluna da UFVJM - arquivo da autora.

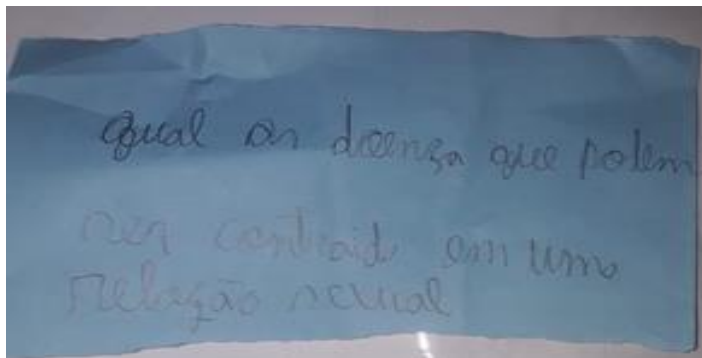
Porém, Fernandes *et al.*, (2021) deixa claro que a estimulação de um engajamento interativo na Roda de Conversa, focado no diálogo e na argumentação favorece a solidificação do conhecimento coletivo.

Pode-se dizer que o benefício mais determinante da Roda de Conversa, conforme entendimento de Fernandes *et al.* (2021), consiste em respeitar o conhecimento prévio do educando, instigar as interações sociais voltadas para a formação sólida do conhecimento, e estabelecer as fundamentações para o desenvolvimento de habilidades metacognitivas, iniciando pela geração partilhada do conhecimento por parte dos discentes antes e depois da realização da Roda de Conversas.

Por conta do tipo dessa pesquisa, em que os discentes estiveram envolvidos, participando ativamente da Roda de Conversa, os dados analisados surgiram através dos debates e diálogos, mesmo que a sua intenção fosse o primeiro passo para dar início a conversa e por vezes, preenchessem lacunas entre os diálogos dos educandos participantes, ou ainda expressassem de forma sucinta um posicionamento pessoal, houve uma atenção por parte da discente em manter-se o mais imparcial possível durante a Roda de Conversa.

Portanto, o papel da Roda de Conversa foi propiciar aos alunos do ensino fundamental conhecimento relacionado a IST e o modo de prevenção.

Figura 17. Pergunta sobre quais as doenças que podem ser contraídas em uma relação sexual.



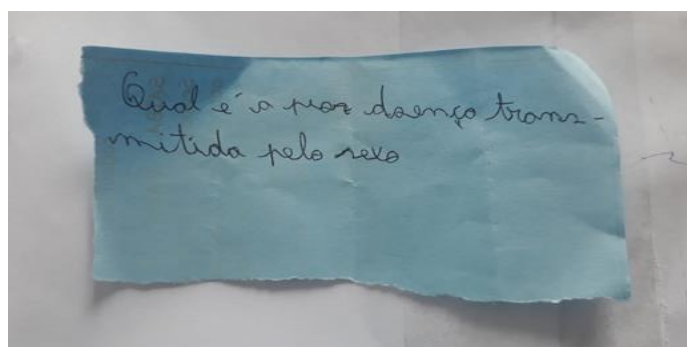
Fonte: arquivo da autora.

Também, nessa questão, encontramos perguntas que conseguem demonstrar algum sentido sobre o tema abordado, indicando falta de percepções categorizadas sobre quais doenças relacionadas a IST.

Além disso, observa-se também quanto as subcategorias relacionada as percepções das principais IST, Estes resultados nos levam a concordar com Fonte *et al.* (2018, n.p.) que afirma que “o comportamento relacionado à saúde enfatiza a percepção de risco como condição necessária para mudança comportamental, pois o grau de risco percebido atua como propulsor para adoção de medidas preventivas no que tange ao controle real individual”.

Portanto, não foi assombro que cada aluno experimentasse a roda de maneira distinta (SAMPAIO *et al.*, 2014). Tal multiplicidade não foi apenas no grau de autonomia alcançado pelos alunos, mas também no perfil que roda prosseguiu, a partir da interação entre os participantes, conforme verificado na Figura 18.

Figura 18. Pergunta sobre quais são as piores doenças transmitida pelo sexo?



Fonte: arquivo da autora.

Devido à resistência por parte dos alunos em buscar conhecimento e orientação no âmbito familiar, outros espaços com seus envolvidos diretos servem de mecanismo de informações e, o esclarecimento de dúvidas e questionamentos, sobre o uso do preservativo masculino e feminino foi devidamente apresentado no âmbito da Roda de Conversa por meio do educador que mediava os diálogos entre os participantes.

Em meio à discussão, foi solicitado que os membros da roda de conversa colocassem, em caderno, termos ou frases que foram dúvidas durante o trabalho para posteriormente fazerem pesquisas e sanarem dúvidas em sala de aula com a professora regente (Figura 19).

Figura 19. Alunos fazendo anotações.



Fonte: arquivo da autora.

Cabe destacar que o bate papo foi tomando outras diretrizes e passamos a abordar assuntos que os agradavam sob outras narrativas que foram surgindo durante a roda, seguidos de surpresas, sorrisos e indagações feitas entre os alunos.

Das dificuldades encontradas destacam-se a resistência dos alunos em participar das atividades com justificativas de timidez o que foi superado com o tempo.

Para a participação dos alunos na tomada de decisão ocorresse de fato, foi fundamental que os sujeitos fossem dotados de autonomia, ou seja, que se apropriassem de suas necessidades, seus desejos, seus problemas, soluções e limites, produzindo conhecimentos acerca de si mesmo, mas para isso foi necessário oportunizar o acesso à informação de qualidade e às perspectivas para “o exercício desses direitos individuais, sem discriminação, coerção ou violência, sustentada nas decisões livres e responsáveis sobre a vida sexual e a vida reprodutiva” (BRASIL, 2018, p. 06).

Portanto, ações de educação em saúde com destaque para temas como a sexualidade, direitos sexuais e reprodutivos, bem como formas de prevenção de agravos podem contribuir positivamente para a promoção da saúde destes adolescentes (BRASIL, 2022). Neste sentido, é fundamental compreender a adoção de comportamentos preventivos para a redução de IST.

É exatamente no período da adolescência que os jovens devem buscar compreender que sexualidade, é um acontecimento biológico, psicológico e social que motiva o seu modo de estar, interpretar e viver o mundo como ser sexuado: homem e mulher (BRASIL, 2022). Além disso, é um fenômeno diversificado que não é e não está dado apenas pelo ambiente (BRASIL, 2022). Pois as condutas e as práticas sexuais, as sensações e os desejos realmente estão introduzidos e são motivados pela forma como as sociedades se estabelecem e pelas relações estruturadas entre os indivíduos que dela fazem parte (BRASIL, 2022).

Neste sentido, não podemos olvidar que as formas como os e as adolescentes irão vivenciá-las experimentá-la acaba sendo motivada por várias razões entre os quais citamos:

qualidade das relações, emocional e afetiva, que viveram com as pessoas significativas na infância e na sua vivência atual; relações com seus grupos de pares; as transformações físicas, psicológicas, cognitivas e sociais trazidas pelo crescimento e desenvolvimento, até os valores, crenças, normas morais e tradições da família e da sociedade na qual eles e elas estão inseridos(as) (BRASIL, 2022, p. 06).

Para complementar através da roda de conversa podemos abordar alguns dos temas que auxiliem no cuidado da saúde do adolescente, visto que,

esse contexto é um terreno fértil para a implementação de ações direcionadas às singularidades da saúde de adolescentes, para que eles e elas tenham acesso aos serviços de saúde sexual e saúde reprodutiva de qualidade, onde a cultura e as práticas profissionais devem ser transformadas, principalmente no acolhimento e nas relações de poder, dentro de uma visão promocional de saúde (BRASIL, 2022, p. 06).

Atualmente, é importante destacar que os direitos sexuais e os direitos reprodutivos fazem parte dos princípios da diversidade humana, especialmente o sexual, o princípio da saúde, da igualdade, da autonomia e o princípio da integridade corporal, que estão justificados nos macroprincípios éticos determinados na Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 (BRASIL, 2018).

Assim, ao abordarmos o tema Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) acabamos por abordar a sexualidade,

como parte do desenvolvimento humano e os conceitos de amor, sentimentos, emoções, intimidade e desejo precisam estar incluídos nas intervenções em saúde sexual e de saúde reprodutiva (BRASIL, 2010a), ao mesmo tempo em que as concepções de sexualidade, que respeitam os direitos sexuais e os direitos reprodutivos, que reconheçam a importância das relações com equidade de gênero, devem estar presentes nas ações de educação sexual para adolescentes, de preferência antes que aconteça a primeira relação sexual (BRASIL, 2018, p. 08).

Somando-se a isso, sabe-se que as Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) são graves problemas de Saúde Pública, devido à sua amplitude e dificuldade de acesso ao tratamento adequado e o aumento do contágio em adolescentes tem aumentado consideravelmente por amplos fatores, entre eles o uso irregular de preservativos, a automedicação (LOPES, 2013).

E de acordo com Lopes (2013), a falta de informação, a inquietude, o constrangimento, a falta de diálogo com os pais e o acesso limitado a informações corretas no que tange a uma vida sexual saudável, são causas desencadeadoras para a incidência de doenças sexualmente transmissíveis e prejudiciais na vida do adolescente quando estes começam a desempenhar sua sexualidade.

E foi através da roda de conversa que os estudantes se sentiram ouvidos e aceitos, sendo o momento, que se sentiram à vontade para se expressar abertamente, com as ideias de que suas perguntas e opiniões seriam respeitadas.

Da mesma maneira, através da roda de conversas todos os alunos foram protagonistas e aprenderam a respeitar o espaço do outro de forma democrática e participativa.

CAPÍTULO 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta experiência possibilitou identificar os principais benefícios da estratégia ativa “roda de conversa”, conforme Fernandes *et al.* (2021), enquanto atividade pedagógica e como um importante instrumento para uma articulação mais humanitária no ensino de Ciências e no ensino da saúde, buscando desenvolver a interatividade entre os alunos através do reforço do vínculo entre os participantes. Constatamos sua relevância para os alunos, pela contribuição e transformações no cotidiano de suas vidas.

A Roda de Conversa pode ser utilizada para diversas situações como estratégia de ensino para desenvolver atividades de promoção em saúde, fortalecendo o aprendizado coletivo, espontâneo, instigador e inovador. Esta vivência tem sido capaz de ampliar a compreensão sobre a importância da prevenção de doenças, tornando os alunos sujeitos emancipados e protagonistas de seu modo de viver e orquestradores do seu próprio cuidado.

O escopo da roda de conversa não é somente a aprendizagem de um conteúdo, mas sim o modo como ele é apresentado e discutido entre os alunos.

No campo da ciência biológica, a aplicação da roda de conversas no processo de aprendizagem pode produzir benefícios no estilo de vida dos alunos, pelas aproximações no âmbito comunicativo mediante o saber científico e o senso comum, fortalecendo a participação coletiva, o autocuidado e a autonomia.

E, no âmbito da formação acadêmica, verificamos que a roda de conversa instrumentaliza os discentes na busca da valorização e alcance de competências e habilidades essenciais para o exercício profissional após a sua formação, mediante construção dialética e visão crítica e flexível da sociedade contemporânea.

Em segundo lugar, a utilização da metodologia de Análise de Conteúdo, a partir da análise das categorias, buscou dar suporte ao leitor com os instrumentos-chave para compreender como se consolidou a estratégia da pesquisa que originaram resultados empíricos nas construções dos argumentos relacionados a IST.

No desenvolvimento deste trabalho, foram apresentadas informações importantes que explicam a importância da Roda de Conversa como metodologia de conhecimento de modo autossuficiente, assim como o resultado do processo de categorização dos dados e apresentação das categorias e subcategorias que foram

surgindo ao longo do tempo que a Roda de Conversa se desenvolvia no âmbito da escola.

Por fim, é importante destacar que a Roda de conversa pode ser uma ferramenta eficiente na produção do ensino-aprendizagem na qual o próprio indivíduo, que se coloca ou é colocado como produtor do seu próprio conhecimento.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ADAMY, Edlamar Kátia. ZOCCH, Denise Antunes de Azambuja. VENDRUSCOLO, Carine. SANTOS, José Luis Guedes dos. ALMEIDA, Miriam de Abreu. **Validação na teoria fundamentada nos dados: rodas de conversa como estratégia metodológica.** Rev Bras Enferm [Internet]. 2018;71(6):3121-6. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0488>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/5ZfVsKjNX6znX3rZPgvWmTz/?lang=pt&format=pdf>, acesso em: 24/11/2022.

AFONSO, Maria Lúcia M. ABADE, Flávia. **Para reinventar as Rodas.** Belo Horizonte: Rede de Cidadania Mateus Afonso Medeiros (RECIMAM), 2008. Publicação eletrônica.

ALMEIDA, Rebeca Aranha Arrais Santos. et al. Conhecimento de adolescentes relacionados às doenças sexualmente transmissíveis e gravidez. **Revista Brasileira de Enfermagem** [online]. 2017, v. 70, n. 5 [Acessado 25 Novembro 2022] , pp. 1033-1039. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0531>>. ISSN 1984-0446. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0531>.

ALMEIDA, Tereza Joelma Barbosa. Abordagem dos temas transversais nas aulas de ciências do ensino fundamental, no distrito de Arembépe, município de Camaçari-BA. **Candombá – Revista Virtual**, v. 2, n. 1, p. 1–13, jan – jun 2006. Disponível em: <http://web.unijorge.edu.br/sites/candomba/pdf/artigos/2006/a2.pdf>, acesso em: 22/11/2022.

BEDIN, E.; DEL PINO, J. C. Rodas de conversa na universidade: formação docente tecnológica em ciências: metodologias de cunho interdisciplinar. In: **Congresso Internacional de Formación de Profesores de Ciencias**, 7., 2016, Bogotá. *Memorias...* Bogotá: Facultad de Ciencia y Tecnología/Universidad Pedagógica Nacional, 2016. p. 1413-1419.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2004.

BRANDÃO, Ana Caroline Lopes. **A Roda e a valorização das culturas infantis na creche em bases da pedagogia de colonial**. 2021. 227 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção em Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Cuidando de Adolescentes: orientações básicas para a saúde sexual e a saúde reprodutiva** [recurso eletrônico] / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção em Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. – 2. ed. – Brasília: Ministério da Saúde, 2018. 44 p.: il.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

BRASIL - **Doenças de Condições Crônicas e Infecções sexuais** – Ministério da Saúde - Acesso em 07 de Agosto de 2022, disponível no : <http://www.aids.gov.br/pt-br> .

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção em Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Cuidando de Adolescentes: orientações básicas para a saúde sexual e a saúde reprodutiva** [recurso eletrônico] / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção em Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. – 2. ed. – Brasília: Ministério da Saúde, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação; Secretaria de Educação Básica; **Diretoria de Políticas e Regulação da Educação Básica. Temas Contemporâneos Transversais na BNCC: Proposta de Práticas de Implementação**. [S. l.: s. n.], 2019. Disponível em:
http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/guia_pratico_temas_contemporaneos.pdf. Acesso em: 06/12/2022.

CALIXTO, Laura. Estudos de caso sobre custos ambientais: ênfase nos procedimentos metodológicos. RAM. **Revista de Administração Mackenzie** [online]. 2009, v. 10, n. 2 [Acessado 24 Novembro 2022], pp. 87-109. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1678-69712009000200005>>. Epub 22 Feb 2011. ISSN 1678-6971. <https://doi.org/10.1590/S1678-69712009000200005>.

CASTRO, Eneida Lazzarini. CALDAS, Tânia Alencar de. MORCILLO, André Moreno. PEREIRA, Elisabete Monteiro de Aguiar. VELHO, Paulo Eduardo Neves Ferreira. O conhecimento e o ensino sobre doenças sexualmente transmissíveis entre universitários. **Ciência & Saúde Coletiva** [online]. 2016, v. 21, n. 6 [Acessado 6 Dezembro 2022], pp. 1975-1984. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-81232015216.00492015>>. ISSN 1678-4561. <https://doi.org/10.1590/1413-81232015216.00492015>.

FARIAS, Elisabete Felix. BARBOSA, Antônio Pires. Roda de conversa como instrumento na resolução de conflitos interpessoais no trabalho em departamento de uma instituição judiciária. **Anais do V SINGEP** – São Paulo – SP – Brasil – 20, 21 e 22/11/2016.

FERNANDES; Geraldo W. Rocha. MARIANO; Halanda de Matos. SCHETINO; Luana Pereira Leite. ALLAIN; Luciana Resende. – **Metodologias e Estratégias Ativas: um encontro com o Ensino em Ciências**. São Paulo: Editora LF – 1ª Ed. 2021.

FIGUEIRÊDO, Alessandra Aniceto Ferreira de. QUEIROZ, Tacinara Nogueira de. A utilização de rodas de conversa como metodologia que possibilita o diálogo. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 10** (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2012. ISSN 2179-510X. Disponível em:
http://www.fg2013.www2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373241127_ARQUIVO_AUTILIZACAODERODASDECONVERSACOMOMETODOLOGIAQUEPOSSIBILITAODIALOGO.pdf, acesso em: 03/10/2022.

FONSECA, Angélica. Prevenção às DST/AIDS no ambiente escolar. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação** [online]. 2002, v. 6, n. 11 [Acessado 22 Novembro 2022], pp. 71-88. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-32832002000200006>. Epub 09 Mar 2009. ISSN 1807-5762. <https://doi.org/10.1590/S1414-32832002000200006>.

FONTE, Vinícius Rodrigues Fernandes da. SPINDOLA, Thelma. LEMOS, Adriana. FRANCICO, Márcio Tadeu Ribeiro. OLIVEIRA, Claudia Silvia Rocha. Conhecimento e percepção de risco em relação às infecções sexualmente transmissíveis entre jovens universitários. **Cogitare Enfermagem**, vol. 23, núm. 3, e55903, 2018. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/4836/483660055025/html/>, acesso em: 26/11/2022

LOPES, Ildete Dias Ramalho. **DSTs - Sexualidade na adolescência: meios de prevenção.** Belo Horizonte: Editora UFMG. 2013. <https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/6358.pdf>

MACHADO TMG, Carvalho PIN, Brandão A de SM, Vilarinho MLCM. A roda de conversa como ferramenta de planejamento de ações: relato de experiência. **Rev. G&S** [Internet]. 31º de março de 2015 [citado 18º de outubro de 2022];(1):pag. 751-761. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rgs/article/view/2707>

MARQUES, E. S. et al. O Conhecimento dos Escolares Adolescentes sobre Doenças Sexualmente Transmissíveis/Aids. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 08, n. 01, p.58 –62 2006. Disponível em: < <http://www.revistas.ufg.br/index.php/fen>>. Acesso: 25 Abr. 2018.

MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e Pesquisa** [online]. 2004, v. 30, n. 2 [Acessado 23 Novembro 2022] , pp. 289-300. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1517-97022004000200007>>. Epub 01 Out 2004. ISSN 1678-4634. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022004000200007>.

MELO, Ricardo Henrique Vieira. FELIPE, Magna Celi Pereira. CUNHA, Andrea Taborda Ribas da. VILAR, Rosana Lúcia Alves de. PEREIRA, Eduardo Judene da Silva. CARNEIRO, Naiara Estefânia Alves. FREITAS, Nathália Gabrielle Henrique Bezerra de. JÚNIOR, José Diniz. Roda de Conversa: uma Articulação Solidária entre Ensino, Serviço e Comunidade. **Revista Brasileira de Educação Médica** [online]. 2016, v. 40, n. 2 [Acessado 8 Dezembro 2022], pp. 301-309. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1981-52712015v40n2e01692014>>. ISSN 1981-5271. <https://doi.org/10.1590/1981-52712015v40n2e01692014>.

MESQUITA, J.S.; COSTA, M.I.F.; LUNA, I.T.; SILVA, A.A.; PINHEIRO, P.N.C. Fatores de risco e proteção entre adolescentes em relação às DST/HIV/AIDS. **Rev. Enferm.** UFPE online. Recife, 11(3): 1227-33, mar. 2017;

MINAYO, M. C. de S. **Fase exploratória da pesquisa.** 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2004. p. 89-104.

MOTA, Márcia Maria Peruzzi Elia da. Metodologia de Pesquisa em Desenvolvimento Humano: Velhas Questões Revisitadas. **Psicol. pesq.**, Juiz de Fora , v. 4, n. 2, p. 144-149, dez. 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-12472010000200007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 15 out. 2022.

MOURA, Adriana Ferro. LIMA, Maria Glória. A reinvenção da roda: roda de conversa: um instrumento metodológico possível. **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, v.23, n.1, p. 98-106, jan.- jun. 2014.

MUNFORD, D; LIMA, M. E. C. C. **Ensinar ciências por investigação: em que estamos de acordo?** Disponível em: http://abrapecnet.org.br/atas_enpec/ixenpec/atas/resumos/R0872-1.pdf

PEREIRA, Beatriz Prado. LOPES, Roseli Esquerdo. Por que ir à Escola? Os sentidos atribuídos pelos jovens do ensino médio. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 41, n. 1, p. 193-216, jan./mar. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2175-623655950>. <https://www.scielo.br/j/edreal/a/4Wjh6HbfcdJWnFcWgkRrvYS/?format=pdf&lang=pt>

PEREIRA, Felipe; Casos de sífilis aumentam em duas regiões de Minas Gerais – **Jornal Estado de Minas**. Acesso 28 de junho de 2022, disponível: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2021/09/10/interna_gerais,1304538/casos-de-sifilis-aumentam-em-duas-regioes-de-minas-gerais.shtml

RODRIGUES, Manuel Jorge. Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) na Adolescência. **Nascer e Crescer**, Porto, v. 19, n. 3, p. 200, set. 2010. Disponível em <http://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0872-07542010000300020&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 28 set. 2022.

SAMPAIO, Juliana. SANTOS, Gilney Costa. AGOSTINI, Marcia. SALVADOR, Anarita de Souza. Limites e potencialidades das rodas de conversa no cuidado em saúde: **uma experiência com jovens no sertão Pernambucano**. 2014; 18 Supl 2:1299-1312. <https://www.scielo.br/j/icse/a/dGn6dRF4VHzHQJyXHNSZNND/?lang=pt&format=pdf>, ACESSO EM: 03/10/2022.

SAMPAIO, Rafael Cardoso. LYCARIÃO, Diógenes. **Análise de conteúdo categorial: manual de aplicação**. Brasília: Enap, 2021.155 p. : il. -- (Coleção Metodologias de Pesquisa). https://repositorio.enap.gov.br/bitstream/1/6542/1/Analise_de_conteudo_categorial_final.pdf, acesso em: 25/11/2022.

SARMENTO, Sued Sheila. **Práticas docentes sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis no ensino fundamental**. UFRGS/UFSC/FURG. PORTO ALEGRE – RS, 2018. <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/192959>

SCARPA, D. L; CAMPOS, N. F. Potencialidades do ensino de Biologia por Investigação. **Revista Estudos Avançados**, Vol. 12, São Paulo, 2018. Acesso em: 28 de Junho de 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/RKrKKvjmY7MX7Q5DChvtN5N/?lang=pt> https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2021/09/10/interna_gerais,1304538/casos-de-sifilis-aumentam-em-duas-regioes-de-minas-gerais.shtml

SILVA, Ana Tereza Vital. **Roda de conversa como metodologia para partilha de saberes docentes**. [manuscrito] / Ana Tereza Vital Silva. - 2020. Disponível em:

https://www.repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/13104/1/DISSERTA%C3%87%C3%83O_RodaConversaMetodologia.pdf, acesso em: 25/11/2022.

SILVA, Danielle Costa da. HERNÁNDEZ, Lorena Granja. Aplicação metodológica da análise de conteúdo em pesquisas de análise de política externa. **Revista Brasileira de Ciência Política** [online]. 2020, n. 33 [Acessado 26 Novembro 2022], e218584. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0103-3352.2020.33.218584>>. Epub 30 Nov 2020. ISSN 2178-4884. <https://doi.org/10.1590/0103-3352.2020.33.218584>.

SILVA, Renan da. Quando a escola opera na conscientização dos jovens adolescentes no combate às DSTs. **Educar em Revista [online]**. 2015, v. 00, n. 57 [Acessado 28 Setembro 2022] , pp. 221-238. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0104-4060.41170>>. ISSN 1984-0411. <https://doi.org/10.1590/0104-4060.41170>.

SILVA, Caio Samuel Franciscati da. BRANCALEONI, Ana Paula Leivar. OLIVEIRA, Rosemary Rodrigues de. Base Nacional Comum Curricular e Diversidade Sexual e de Gênero: (Des)Caracterizações. **RIAEE–Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 14, n. esp. 2, p. 1538-1555, jul. 2019. E-ISSN: 1982-5587.DOI: 10.21723/riaee.v14iesp.2.12051. disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/12051/8347>, acesso em: 08/12/2022.

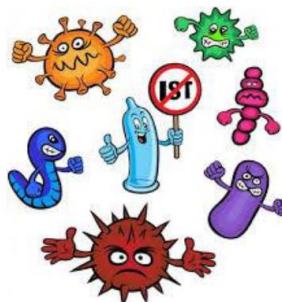
SOUSA; Catarina Praciano de. MOURA; Ana Débora Assis. CHAVES; Cristianne Soares. LIMA; Guldemar Gomes de. FEITOZA; Aline Rodrigues Feitoza. ROUBERTE; Emília Soares Chaves. - Adolescentes: maior vulnerabilidade às IST/AIDS? - **RETEP - Rev. Tendên. da Enferm. Profis.**, 2289 2017; 9(4): 2289-2295.

TAQUETTE, S. R.; VILHENA, M. M. de; PAULA, M. C. de. Doenças sexualmente transmissíveis e gênero: um estudo transversal com adolescentes no Rio de Janeiro. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 20(1):282-290, jan-fev, 2004.

TEXEIRA, L.O.; FIGUEIREDO, V.L.; SASSI, R.A. Adaptação transcultural do Questionário sobre Conhecimento de Doenças Sexualmente Transmissíveis para o português brasileiro. **J. Bras. Psiquiatr.** 2015;64(3):247-56;

ANEXO I

IST: **QUEM SE LIGA, NÃO VACILA!**



O que é IST

As IST são causadas por

- **bactérias, vírus**
- **outros microrganismos,**
- **podendo ser curáveis ou não curáveis e apresentar períodos sintomáticos ou permanecer assintomáticas ao longo da vida**

(Ministério da Saúde)



DST – Doenças sexualmente transmissíveis

IST – Infecções sexualmente transmissíveis

2016 – Ministério da Saúde

A palavra 'doença' implica em sintomas e sinais visíveis no organismo do indivíduo.

Já 'Infecções' podem se referir a períodos sem provocar sintomas ou ainda ficar por toda a vida sem que o indivíduo apresente algo assintomático, sendo preciso realizar exames laboratoriais para identificar.

Quais são as IST

- **Sífilis (bactéria)**
- **Herpes Simples (vírus)**
- **Hepatite A e B (vírus)**
- **Clamídia (bactéria)**
- **Tricomoníase (Parasita)**
- **Gonorreia (Bactéria)**
- **Condiloma Acuminado (HPV) (vírus)**
- **HIV – AIDS (retrovírus)**

O beijo transmite IST?



Verdadeiro



Existem basicamente quatro grupos de doenças que podem ser transmitidas pela saliva e pelo beijo: as **infecções sexualmente transmissíveis (herpes, sífilis, gonorreia, HPV)**; doenças respiratórias (gripe, resfriado, influenza); doenças que causam febre; doenças do trato digestivo.

O HIV é transmitido pelo beijo?

Falso



O HIV não é transmitido pelo beijo, apenas por contato sexual sem o uso de preservativos, transmissão vertical ou uso compartilhado de seringas e agulha

Infecções Sexualmente Transmissíveis podem ser adquiridas pelo sexo oral?

Verdadeiro



A transmissão das IST pode se dar por contato sexual, via oral, vaginal ou anal.

Pirulito compartilhado pode transmitir IST?





Aleitamento materno transmite IST?



Verdadeiro.



Aleitamento materno pode transmitir os vírus HIV e HTLV1 e 2. Outras doenças sexualmente transmissíveis não são transmitidas, mas caso haja lesões ulceradas nas mamas, pode-se infectar o bebê através do contato direto.

O uso de camisinha feminina e masculina ao mesmo tempo garante maior proteção?

Falso 

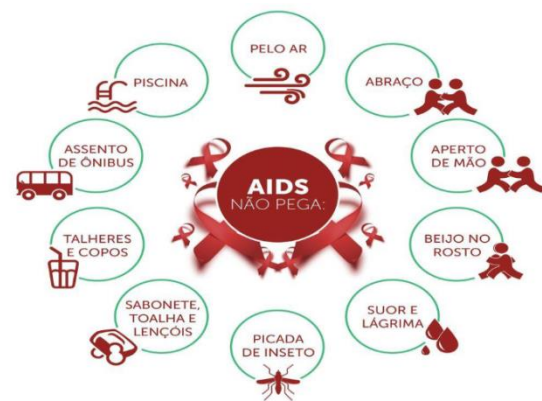
O uso de duas ou mais camisinhas não é recomendado, pois aumenta o risco de rompimento das mesmas.

Todas as IST apresentam sinais e sintomas?

Falso 

A maioria das IST se apresentam de forma assintomática, principalmente em indivíduos do sexo masculino.





**DEU
MATCH?
USE CAMISINHA!**

Vantagens de usar camisinha

- **Excelente método contraceptivo, 98% de eficácia.**
- **Previne contra infecções no ato sexual.**



23